



# O Livro Ilustrado como Meio para o Ensino Político

Marina Ayub

# O Livro Ilustrado como Meio para o Ensino Político

Marina Ayub

orientador: João Carlos de Jesus Pinto

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Design Gráfico / Instituto Politécnico de Leiria / Escola Superior de Arte e Design

Caldas da Rainha / Portugal / 2020



## Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. João Maio Pinto, pela orientação e *inputs* dados ao longo de todo o processo. O resultado final dessa dissertação é consequência direta de muitas de nossas conversas.

A todos os professores que em algum momento cruzaram meu caminho acadêmico e de alguma maneira marcaram minha vida tanto profissional quanto pessoal: Luísa Barreto, Teresa Fradique, Rodrigo Maia, Elwyn Correia, Alessandro Camara, entre tantos outros. Vocês têm minha total admiração!

Agradeço também a todos aqueles, familiares e professores, que me incentivaram desde cedo a leitura. O amor atual que tenho pelos livros foi a grande força motriz que me incentivou a desenvolver esse projeto.

Aos meus pais que passaram muitos dias me ouvindo falar da dissertação e proporcionaram, muitas vezes, discussões que possibilitaram um enriquecimento ainda maior a partir de pontos de vista diferentes. Obrigada pelo suporte de sempre e por estarem ao meu lado ao longo dessa jornada!

## Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo analisar como os editoriais infantis podem ser uma via para um ensino político voltado às crianças. Para tal, na primeira parte da dissertação, foi vital compreender o que seria o ensino político e qual sua relevância. Também foi necessário analisar, por meio de revisão bibliográfica, as tipologias de livros infantis existentes e qual sua importância para o desenvolvimento social e cognitivo desse público.

Além dos estudos teóricos, verificou-se, por meio da análise de estudos de caso, a existência de diversas formas de introduzir, pelas publicações, temas formadores do consciente de cidadania e ética ao público infantil. Esses, por sua vez, são as bases do ensino político. A escolha dos livros analisados foi feita com base nas diferenças de abordagem usadas em cada um dos casos.

A segunda parte da dissertação consiste em uma metodologia intervencionista, pela qual os conceitos analisados ao longo do trabalho teórico serão colocados em prática, por meio do desenvolvimento de um livro infantil, que apresente às crianças o conceito de política e sua importância para a sociedade atual. A escolha da temática para o desenvolvimento do livro é atribuída ao fato de existirem poucas publicações infantis que abordem este relevante e essencial assunto.

### Palavras - chave:

Política; Infância; Ensino Político; Livro Ilustrado; Livro Infantil

## **Abstract**

This dissertation has as main objective to analyze how children's editorials can be a way for a political education aimed at children. For this, in the first part of the dissertation, it was vital to understand what political education would be and what is its relevance. It was also necessary to analyze, through bibliographic review, the types of existing children's books and their importance for the social and cognitive development of this audience.

In addition to theoretical studies, it was verified, through the analysis of case studies, the existence of several ways of introducing, through publications, themes that form the awareness of citizenship and ethics to children. These, in turn, are the basis of political education. The choice of the analyzed books was made based on the differences in approach used in each case.

The second part of the dissertation consists of an interventionist methodology, whereby the concepts analyzed throughout the theoretical work will be put into practice, through the development of a children's book, which presents to children the concept of politics and its importance for today's society. The choice of the theme for the development of the book is attributed to the fact that there are few children's publications that address this relevant and essential subject.

### **Key Words:**

Politics; Childhood; Political Teach; Illustrated Book; Kid Book

## Índice de fotografias das aberturas das seções

**Introdução:** Atos nas principais capitais do Brasil - 2019.  
Foto: Nelson Almeida/Reuters

**Parte 2:** Compilação de bibliografia utilizada no capítulo.  
Acervo do autor.

**Parte 3:** Compilação de bibliografia utilizada no capítulo.  
Acervo do autor.

**Parte 4:** Compilação de bibliografia utilizada no capítulo.  
Acervo do autor.

**Parte 5:** Processo de Criação. Acervo do autor.

**Parte 6:** Atos nas principais capitais do Brasil - 2019. Foto:  
Luciano Claudino

**Parte 7:** Biblioteca Mario de Andrade - São Paulo. Foto: “Vida  
no Centro”. 2018

**Parte 8:** Arquivos da Biblioteca Mario de Andrade - São  
Paulo. Foto: “Vida no Centro”. 2018

# Índice

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>	<b>parte 4: REFERÊNCIAS DE CASO</b> .....	<b>83</b>
• Objetivo de Estudo e Pertinência .....	<b>16</b>	4.1. “As mulheres e os homens” – Equipo Plantel (2017) .....	<b>86</b>
• Objetivos .....	<b>18</b>	a. Análise da linguagem verbal .....	<b>88</b>
• Metodologia .....	<b>17</b>	b. Análise da linguagem visual .....	<b>90</b>
• Escolha dos autores .....	<b>22</b>	c. Conclusão .....	<b>93</b>
<b>parte 2: ENSINO POLÍTICO PARA AS CRIANÇAS</b> .....	<b>29</b>	4.2. “Greve” - Catarina Sobral (2011) .....	<b>95</b>
2.1. Política no contexto infantil .....	<b>32</b>	a. Análise da linguagem verbal .....	<b>96</b>
2.1.1. O que é política? .....	<b>33</b>	b. Análise da linguagem visual .....	<b>98</b>
2.1.2. A criança e a política .....	<b>40</b>	c. Conclusão .....	<b>100</b>
2.2. O ensino político infantil .....	<b>43</b>	4.3. “Quem manda aqui?” - André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Paula Desgualdo e Pedro Markun (2015) .....	<b>102</b>
2.2.1. Ética para vida em sociedade .....	<b>44</b>	a. Análise da linguagem verbal .....	<b>104</b>
2.2.2. Pedagogia da Autonomia .....	<b>46</b>	b. Análise da linguagem visual .....	<b>106</b>
2.2.3. Ferramenta para evolução social .....	<b>48</b>	c. Conclusão .....	<b>108</b>
<b>parte 3: LIVROS ILUSTRADOS: VIA DE ENSINO POLÍTICO</b> .....	<b>53</b>	<b>parte 5: DESENVOLVIMENTO DO PROJETO</b> .....	<b>111</b>
3.1. O Livro para Infância .....	<b>54</b>	5.1. Metodologia projetual .....	<b>112</b>
3.1.1. Tipologias .....	<b>56</b>	5.2. Projeto editorial .....	<b>113</b>
3.2. O Livro Ilustrado .....	<b>58</b>	5.2.1. Ponto de Partida .....	<b>114</b>
3.2.1. Linguagem Verbal .....	<b>62</b>	5.2.2. O processo de Criação .....	<b>118</b>
3.2.2. Linguagem Visual .....	<b>65</b>	5.3. “Política pra que?” .....	<b>120</b>
a. A política da imagem .....	<b>66</b>	5.4. Reflexão e Conclusões .....	<b>128</b>
b. A Ilustração .....	<b>68</b>	<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	<b>131</b>
3.3. O ensino político no livro ilustrado .....	<b>70</b>	6.1. Recomendações para futuras investigações .....	<b>133</b>
3.4. O papel dos livros na educação infantil .....	<b>74</b>	<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>139</b>
3.5. O mediador da leitura .....	<b>80</b>	<b>8. ANEXOS</b> .....	<b>147</b>



## 1. INTRODUÇÃO

## OBJETO DE ESTUDO E PERTINÊNCIA

A escolha temática foi motivada pelo fato de o ensino político ser essencial para a evolução da sociedade. Assim, ao longo da dissertação, serão levantados alguns questionamentos relacionados ao tema com intuito de criar a base teórica da investigação. Qual é o real significado de ensino político? Como este auxilia na formação de indivíduos de pensamento crítico e qual sua relevância para o contexto político social no qual estamos inseridos?

A pertinência de trazer essa temática para o contexto acadêmico diz respeito ao fato de que o designer gráfico é essencial para o desenvolvimento dos livros ilustrados. Ele é um agente imprescindível para a criação desse tipo de editorial, desde o estudo e compreensão sobre o público, até a própria prática da criação dos livros, em relação às escolhas visuais, tipografia, cores, diagramação, ilustração etc.

No que diz respeito aos meios que colaboram para o desenvolvimento desse pensamento crítico, existem opções comumente exploradas ao longo do desenvolvimento infantil, sendo uma delas, os livros ilustrados. Essa modalidade de publicação é um importante transmissor de mensagens, principalmente, no caso do presente projeto, a considerar que o público-alvo selecionado é composto por crianças de 6 a 8 anos, em fase de alfabetização. Salientam-se, assim, as seguintes reflexões: como os livros ilustrados infantis podem se tornar um aliado para a atual forma insólita de ensino? Quais artifícios gráficos e textuais devem ser usados para propagar a mensagem de forma coesa?

Munari (2008) ressalta a importância do ensino infantil. Para o autor italiano, é durante a infância que se desenvolvem os hábitos que serão levados com o indivíduo durante a vida toda. Sendo assim, é evidente a importância de incentivar o gosto pelos livros desde a infância e utilizá-los como contexto de situação comunicativa para introduzir temas de relevância social.

**"A educação das  
crianças, dos jovens e  
dos adultos tem uma  
importância muito  
grande na formação  
do homem novo e da  
mulher nova."  
(Freire, 1989: p.48)**

## OBJETIVOS

A análise teórica da investigação e o desenvolvimento prático partiram de uma única questão axial: “Como os livros ilustrados infantis podem ser utilizados como meio para o ensino político?” Assim, ao buscar responder a esta questão, a investigação tem como primeiras intenções:

1. Compreender a relevância do ensino político para a construção da sociedade e perceber como os livros infantis podem ser um importante meio para tal.
2. Elencar as tipologias de livros infantis; delimitar os estudos dos livros ilustrados e observar, por meio de referências de caso, métodos já utilizados no mercado editorial para apresentar ao público-alvo as temáticas relacionadas ao ensino político.
3. Propor um projeto gráfico que: leve em conta as considerações observadas ao longo dos estudos teóricos e tenha o objetivo de introduzir ao público-alvo a importância da política para a vida em sociedade.

Esta investigação pretende, ainda, situar o designer em um papel central no que diz respeito ao desenvolvimento de livros ilustrados infantis que se desprendem do “lugar comum”. Por conseguinte, o intuito secundário é evidenciar e valorizar o papel do designer como agente de ensino político devido ao seu domínio de recursos, gráficos e textuais, apropriados para a criação de editoriais infantis com temáticas socialmente relevantes.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da dissertação partiu de uma abordagem teórica acerca da importância do ensino político para as crianças, por meio dos livros. Para suprir a falta de bibliografia específica relacionada ao tema, fez-se necessário buscar em autores de campos diversos conhecimentos específicos, que uma vez justapostos, formaram a base teórica da presente investigação.

Os ensaios teóricos foram divididos em: compreender o que é e qual a relevância do ensino político para a construção da consciência social das crianças; perceber quais as tipologias e qual a importância dos livros ilustrados no contexto infantil; e identificar, por meio de estudos de caso, como determinados temas são abordados em relação à estrutura dos livros – interação entre linguagem verbal e não-verbal (visual).

Como maneira delimitar os estudos teóricos, a opção foi acrescentar o logo no princípio da dissertação, em uma seção na qual serão introduzidos alguns dos autores usados como base para a investigação. Dessa maneira, é possível compreender, desde o princípio, algumas das escolhas feitas e, assim, focar de maneira mais contundente o objetivo proposto.

No início dos estudos teóricos, mais especificamente no primeiro capítulo, houve a compreensão de que seria necessário fazer uma breve abertura ao tema, na qual é desenvolvido o conceito de ensino político e qual sua relevância para a formação dos cidadãos. Em seguida, serão

apresentados conceitos, como: de que maneira a política se aplica no contexto infantil; qual o papel dos livros infantis na educação infantil.

O segundo capítulo será focado especificamente nos editoriais infantis. Serão introduzidas brevemente as tipologias de livros infantis já existentes para, apenas em seguida, focar no objeto específico de estudo: o livro ilustrado. Ao longo desse capítulo, também será discutida a relevância do livro ilustrado como objeto político e qual sua importância para a perpetuação dos valores éticos e morais da sociedade.

O terceiro capítulo será voltado para a análise de estudos de caso de três livros que se enquadram no objeto de estudo desta dissertação. Eles têm em comum a abordagem de temas com forte relevância social, tais como: greve e igualdade de gênero e política - e utilizam recursos específicos para a comunicação com o público infantil. Entretanto, os métodos usados nesses editoriais abordam seus respectivos temas de forma diversa e generalista. Por esse motivo, vale a reflexão acerca de cada um deles para melhor compreender os recursos utilizados.

A fundamentação teórica teve o objetivo de criar condições para defender a importância dos livros ilustrados na educação infantil e sua relevância no âmbito acadêmico e social. Além disso, buscou gerar embasamento para a criação da parte prática da investigação, que resultou no desenvolvimento de um livro ilustrado que alia linguagem verbal e não-verbal (visual) para explicar a importância da política para a vida em sociedade. Sendo assim, o

projeto prático é uma exploração gráfica que surge como consequência dos estudos teóricos.

Os trabalhos desenvolvidos, teórico e prático, têm um forte componente crítico, uma vez que pode ser interpretado como um manifesto acerca do universo pedagógico e ético. O resultado é uma investigação que se propõe a gerar discussões e busca evitar que a ameaça latente da perpetuação da ignorância se concretize.

## ESCOLHA DOS AUTORES

Para o desenvolvimento teórico da presente dissertação, inúmeros estudiosos renomados podem ser citados para embasar o conteúdo aqui apresentado. Desse modo, na vastidão de informações e teorias existentes, faz-se necessário focar naquelas que mais se enquadram na proposta apresentada.

Em relação ao primeiro capítulo, ao considerar que se refere à teoria política, a opção foi por estudiosos que seguem linhas de raciocínio diversas, mas, em determinados aspectos, complementares. Levou-se em consideração, ainda, o fato de que, por ser um assunto orgânico, discutido de forma inesgotável ao longo dos séculos, - desde os filósofos da Grécia antiga, como Sócrates, Platão e Aristóteles; até

os dias de hoje - fez-se necessário buscar pensadores mais recentes, que acompanharam as mudanças na sociedade e criaram seus pensamentos com base na contemporaneidade.

Para o primeiro tópico deste capítulo, um dos nomes citados é Hannah Arendt (1906 - 1975), uma filósofa política alemã, de origem judaica, que se radicou no Estados Unidos após a instauração do regime nazista na Alemanha. Seus estudos sobre comportamento humano e política permanecem relevantes, até os dias de hoje, graças a sua análise imparcial e assertiva sobre assuntos recorrentes e cíclicos em nossa sociedade - como o totalitarismo, que por vezes volta a nos encontrar.

Para criar um contraponto ao pensamento de Arendt, o segundo filósofo a ser apresentado é Jacques Rancière, nascido em 1940 e ainda vivo. O filósofo argelino, com nacionalidade francesa, concentra seus trabalhos principalmente na área da política e da estética e discorda de Arendt em algumas questões, mas complementa o pensamento em outras. Assim, entendeu-se como relevante, nesta pesquisa, trazer sua concepção acerca da política como forma de equilibrar as ideias.

A última teórica política a ser referida é Catherine Colliot-Thélène, nascida em 1950 e ainda viva. A filósofa francesa apresenta estudos sobre a democracia moderna, a globalização e ainda traz, em um de seus textos, uma releitura da filosofia política, em particular de Rousseau e Kant. Entretanto, para evitar que a presente dissertação perca seu cerne, o foco dos estudos será centrado, em relação à opção teórica, em Colliot-Thélène, com o objetivo



Figura 1: Arendt, H. (2002) O que é política.



Figura 2: Rancière, J. (1996) O desentendimento: política e filosofia

de trazer os pensamentos contemporâneos e complementá-los com as ideias de Arendt e Rancière, já expostas.

Poucos são os autores que aprofundam a temática de teoria política voltada, exclusivamente, para o universo infantil. Dessa forma, tornou-se necessário considerar que as crianças, assim como os adultos, são parte integrante e ativa da sociedade. Assim, foi possível criar paralelos para compreender a influência que a política exerce no cotidiano infantil e em que ponto a criança se enquadra nesse contexto. Nesta perspectiva, os estudiosos usados como base teórica foram Philippe Ariès (1914 – 1984) e Mario Sérgio Cortella, nascido em 1954 e ainda vivo.

Apesar de sua obra ter sido concebida no século anterior, Ariès possui importantes elementos acerca da compreensão sobre a infância no âmbito social e familiar. O autor defende que a infância não é apenas delimitada por uma questão biológica relacionada à idade. Ela é, antes de mais nada, uma construção social. Seus estudos foram aqui utilizados para compreender o papel social da infância, bem como suas necessidades e obrigações perante a sociedade.

Conforme mencionado anteriormente, apesar de Ariès afirmar que a infância é uma construção social, é importante considerar que as crianças não possuem as mesmas necessidades e o mesmo desenvolvimento cognitivo que os adultos. Por essa razão, houve apoio nos estudos de Cortella - um importante filósofo e educador brasileiro - para apresentar bases teóricas que defendam a necessidade de ensinar às crianças, desde cedo, valores éticos e morais com o objetivo de criar uma sociedade crítica.



Figura 3: Bettelheim, B. (2011) A Psicanálise dos Contos de Fadas.

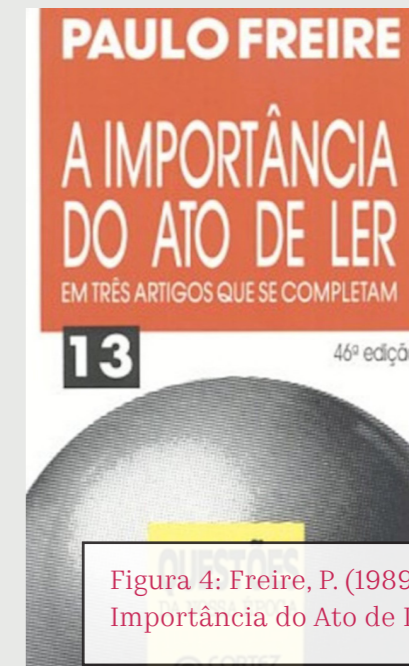


Figura 4: Freire, P. (1989) A Importância do Ato de Ler.

Em relação à temática do ensino e suas metodologias, existem diversas abordagens ao redor do mundo, desde formas tradicionais até movimentos que desconstruem o imaginário comum sobre pedagogia. Entretanto, ao se falar de uma pedagogia crítica, que se apoia em uma metodologia de ensino libertadora, um dos teóricos mais respeitados do mundo é o pedagogo e educador brasileiro Paulo Freire (1921 – 1997).

O autor teve sua obra traduzida para mais de 30 idiomas e é, atualmente - segundo estudos feitos pelo professor associado da London School of Economics, Elliot Green - o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas. Torna-se, pois, evidente sua relevância mundial para o campo do ensino. Por esse motivo, algumas obras, apesar de terem sido

escritas no século passado, foram utilizadas na presente dissertação como base teórica.

Outro célebre especialista referido ao longo dos estudos teóricos é Bruno Bettelheim (1903 – 1990). O psicanalista, responsável pelo livro “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, analisa o papel das histórias infantis na construção de valores e defende sua importância para o desenvolvimento social das crianças. Ao considerar que um dos objetivos finais proposto é o de verificar a importância dos livros no desenvolvimento social e político das crianças, a obra de Bettelheim auxilia nessa compreensão.

No segundo capítulo, serão citados outros autores que possuem vasto conhecimento no campo específico dos livros ilustrados, tanto sob a ótica de sua construção como objeto gráfico, quanto pelo seu papel na formação dos cidadãos. Dentre eles, Linden e Powers serão os referenciados. Outras duas autoras que possuem uma análise do tema sob a perspectiva da semiótica são Nikolajeva e Scott, que também serão base teórica para a dissertação. Ancorado na semiótica, o presente projeto retoma Rancière, em virtude de seus estudos sobre a política das imagens e como elas influenciam a vida social.

Para complementar o conteúdo teórico, foram realizadas entrevistas com dois diferentes editores portugueses que serão citados ao longo da segunda parte da dissertação: Carla Oliveira e André Letria. A visão prática dos dois se mostrou extremamente importante para alicerçar toda a teoria aqui exposta, além de esclarecer alguns pontos referentes à perspectiva de dois

profissionais que atuam no mercado editorial.

Por fim, com o objetivo traçado previamente, considerou-se pertinente seguir uma metodologia de investigação qualitativa, pois entendeu-se que seria a mais adequada para observar os objetos de estudo inerentes à problemática desta investigação. Fez-se necessário, ainda, realizar análises de referências de caso para observar a maneira como alguns livros, que seguem essa abordagem, são estruturados.

Nesse contexto, as publicações escolhidas para análise foram: “Greve” (2011) de Catarina Sobral; “As mulheres e os homens” (1977) da Equipo Plantel; e “Quem manda aqui?” (2015) de André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Paula Desgualdo e Pedro Markun.

No caso do livro “Greve, para compreender os aspectos relacionados à publicação, foi realizada uma entrevista com a própria criadora do livro, Catarina Sobral. Para os demais estudos, foi feita uma análise minuciosa acerca das ferramentas gráficas e textuais usadas ao longo do desenvolvimento das narrativas.



## 2. Ensino Político para as Crianças

Com intuito de preparar, previamente, o caminho do conhecimento a ser trilhado pelo leitor, julgou-se interessante salientar, desde o princípio, alguns pontos referentes à temática selecionada para a presente investigação, antes de aprofundar seu conteúdo de forma mais detalhada. Dessa maneira, o caminho poderá ser tornar mais claro e preciso para, assim, evitar mal-entendidos que podem distrair o leitor do foco principal.

Entendo que a principal questão a ser elucidada seria relativa ao que, de fato, é o “ensino político”. Para elucidar o conceito por trás do termo, é importante ressaltar que, apesar de existir uma conexão entre as ideias, existe uma grande diferença entre “ensino político” e “ensinar política”. A investigação foca na primeira ideia.

A noção de “ensinar política” se refere, exclusivamente, ao ato de ensinar as ciências políticas que englobam o estudo dos sistemas políticos, dos processos e suas organizações, ou seja, é a ação de trabalhar as compreensões referentes a conceitos como: democracia; ditadura; parlamentarismo; eleições; greves; funcionamento da sociedade de direito; a legislação e o funcionamento do congresso nacional, entre outros.

Em contrapartida, o “ensino político” é um modelo de ensino que pretende formar os cidadãos para constituir sociedades mais justas para todos seus integrantes por meio do respeito e diálogo constantes. Esse modelo é amplo e está relacionado mais aos métodos de ensino do que a certas temáticas específicas. O ensino político pode explorar

diversos tópicos essenciais para a construção de uma sociedade mais tolerante.

Portanto, é possível afirmar que a ação de “ensinar política” está inserida no contexto do “ensino político”. Entretanto, o ensino político não é a ação de apenas trabalhar as noções de ciências políticas. Ao contrário, engloba outras diversas temáticas, como: igualdade de gênero; respeito a orientação sexual dos indivíduos; respeito às religiões e outras questões essenciais para o desenvolvimento da sociedade.

Isto posto, acredita-se que, após a breve explicação acerca da diferença entre as duas ideias, torna-se possível adentrar ao conteúdo do trabalho de forma mais objetiva.



Figura 5: “Manifestação a favor da educação no Basil. 2019. Foto de Luciano Claudino.

## 2.1. Política no Contexto Infantil

Para a pergunta sobre o que é ensino político para as crianças e qual sua relevância, existem inúmeras possíveis respostas que podem seguir diferentes vertentes: filosóficas; antropológicas; sociológicas; pedagógicas, entre outras. Por consequência, diversos profissionais, ao longo das décadas, discutiram sobre o tema. Ao longo da presente investigação, serão discutidas teorias para criar um direcionamento embasado na perspectiva de especialistas em suas áreas de atuação.

Entretanto, antes de aprofundar a temática específica da proposta, faz-se necessário dar alguns passos atrás para estabelecer uma compreensão sobre o tema geral. Com isso, será possível criar paralelos em busca de orientar o pensamento e atingir os objetivos determinados.

### 2.1.1. O que é Política?

Ao adentrarmos nos estudos sobre o conceito de política, mostra-se evidentemente arriscado se comprometer com apenas uma definição singular e objetiva. Isso se dá pelo fato de que, mesmo que essa interpretação seja limitada tão somente às concepções moderna e contemporânea do que é política, existem inúmeros estudiosos que possuem definições variadas do tema. Essas divergências não ocorrem apenas pela diferença de perspectiva de cada autor, mas, sim, pelo fato de que a política é um conceito orgânico, referente às forças que regem a vida em sociedade. É impossível dissociar o entendimento de política do meio em que se está inserido. Conseqüentemente, os diferentes conceitos podem variar de acordo com as percepções de tempo e geográficas de cada autor. Neste caso, a contextualização espacial e temporal é essencial para que se compreenda as nuances defendidas.

Grande estudiosa da vida em sociedade, Hannah Arendt, no decurso da sua produção literária acerca de filosofia e política, aponta que a política não surge dos homens, mas entre os homens - vale ressaltar que, nos textos da autora, entende-se por “homem” todos os seres humanos, sem distinção de gênero. É a política, segundo o pensamento de Arendt, que permite que sejam estabelecidas conexões entre os seres humanos. Nesse contexto, a autora afirma que política é qualquer coisa que surge da relação das pessoas e só existe em virtude da pluralidade humana, ou seja, sua existência estaria associada diretamente às diferenças. Por conseguinte, o

surgimento da política é inevitável e inerente à vida em sociedade. É possível considerar que a política é o que dá sustentação à convivência e à própria vida coletiva. (Arendt, 2002: p.21-22)

Em uma sociedade em que todos pensam e se comportam de forma igual, não existe conflito, tampouco discussão. Logo, não existe política. É o pensamento crítico e a noção de que mudanças são necessárias a todo tempo que permitem a existência da política, que é, por sua vez, determinante para a evolução da espécie humana.

Para a Arendt (2002: p. 38), “o sentido da política é a liberdade”. Entretanto, a liberdade a que ela se refere se descola do conceito de livre arbítrio associado constantemente a palavra. Essa liberdade defendida por Arendt (2002: p.14) diz respeito a possibilidade de ação; ao fato de que a política nos permite criar novos inícios e estabelecer e restabelecer mudanças de forma a estar em constante aperfeiçoamento. Seguindo essa vertente de pensamento, é possível considerar que sem política não existe evolução. Afinal, é por conta dela que as mudanças pessoais e sociais acontecem. A política está implícita à vida humana e é imprescindível que ela continue a ter papel central em uma sociedade crítica.

Outro importante estudioso da política contemporânea, Rancière (1996) defende que política é a ordem que determina a divisão do comum a todos. É por meio da política que a esfera pública pode ser transformada e refeita ao longo dos tempos. Todavia, Rancière (1996: p.79) cria um importante contraponto ao pensamento de Arendt (2002) ao

afirmar que a política só existe na medida em que todos são considerados iguais em uma sociedade democrática. Para o autor, o princípio da política está na igualdade.

**“Numa tal pólis, é justo – seja isso uma coisa boa ou má – que todos participem do mando e que essa divisão igual se manifeste numa “imitação” específica: a alternância entre o lugar de governante e o de governado. (...) Só existe política porque há iguais e porque é sobre eles que o mando se exerce. (...) Não existe pólis que não seja política e a política começa com a contingência igualitária.”**  
(Rancière, 1996: p.79)

Apesar de contraporem ideias em alguns momentos, Arendt (2002) e Rancière (1996) compartilham a noção de que a política é uma forma de ação e deve ser considerada como uma atividade imprescindível para a existência social. A política está presente em todas as camadas da sociedade.

De acordo com Arendt (2002: p.45-46) a vida é uma construção coletiva e por meio da política é possível assegurar a sobrevivência das futuras gerações. Para a autora, todos têm o direito de ter direitos, e as ações políticas demandam nada além de engajamento humano. Dessa forma, as mudanças em uma sociedade dependem, única e exclusivamente, da vontade e comprometimento dos cidadãos, independente das ações oficiais dos Estados.

Em contrapartida a esse argumento, Rancière (1996: p.113-114), defende que as instituições políticas oficiais -

representantes do Estado - reduzem o poder de atuação política das pessoas, uma vez que criam limites de ação por meio do estabelecimento do que é constitucional, o que é legal, quem é cidadão e quem tem o direito de protestar. O Estado é repressor e controlador, e essa repressão e controle exercidos sobre os cidadãos é a responsável pelos preconceitos existentes relacionados à política.

**“Uma série de discursos contemporâneos sobre a democracia, a política ou a cidadania esquecem ou subestimam a dimensão do poder do Estado, e as exortações à reinvenção da democracia, do político, da cidadania – como quiserem – desconhecem por isso mesmo aquilo que hoje em dia coloca em perigo essas maneiras de viver o coletivo.”**  
**(Colliot-Thélène, 1999: p.11)**

Segundo Colliot-Thélène (1999), existe uma compreensão errônea por parte dos cidadãos no que se refere à política no mundo ocidental, graças à imagem competitiva, à corrupção e ao domínio exercido pelas instituições políticas, principalmente o governo. Esse preconceito surge por conta do desalinhamento entre as concepções do que seria a finalidade da política, ou seja, o porquê de sua existência e da própria política em si, de suas ações concretas presentes nas relações humanas.

Conforme mencionado anteriormente, é a política que sustenta a convivência de seres plurais. Entretanto, de acordo com Colliot-Thélène (1999), grande parte da população entende que a política é exercida e representada apenas



Figura 6: “Tira da Mafalda”. Quino, Argentina.1973

pelo governo. Essa concepção, apesar de ser amplamente perpetuada, é falsa e pode agravar ou até mesmo gerar diversos problemas sociais.

Em muitos casos, as pessoas não compreendem seu papel como ser político dentro da sociedade e não enxergam a função que a política exerce em suas vidas. No entanto, segundo Freire (2001: p.13), “(...) *A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, (...)*”. Nesse sentido, pode-se considerar que, nas sociedades democráticas contemporâneas, o poder de mudança (a liberdade de Arendt) está nas mãos da população e, para que isso ocorra, é necessário que os cidadãos reconheçam seu papel político dentro da sociedade.

Ao considerarmos que a política está implícita nas relações humanas, é possível afirmar que ela rege a vida em sociedade e permite que o mundo continue em constante evolução. A política é muito mais do que a representação oficial do governo. Segundo Rancière (1996: p.87), a política tem o poder de construir ficções, isto é, rearranjos das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer.

Uma sociedade formada por cidadãos que desconhecem a necessidade e o poder da política em seu cotidiano está fadada ao fracasso social. Isso se dá pelo fato de que, na sociedade moderna, ela é a ferramenta usada para garantir a satisfação das necessidades humanas, a manutenção da vida. A política se torna uma moderadora das necessidades do homem que permite a ocorrência da evolução e das mudanças das sociedades.



Figura 8: Ilustração de Camila Rosa, ilustradora política brasileira. 2018



Figura 9: Ilustração de Leandro Assis. 2019

Figura 7: "Protestos contra governo Bolsonaro e a favor da educação" - Brasil, 2019". Foto de Eduardo Anizelli

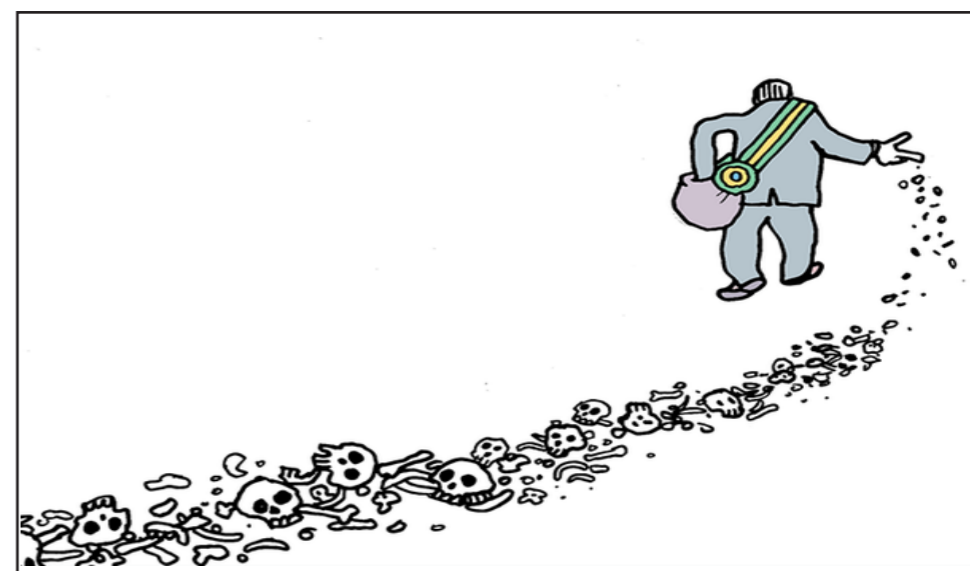


Figura 10: Charge de Laerte publicada no jornal Folha de S. paulo - Brasil, 2019

## 2.1.2. A Criança e a Política

Faz-se necessário, neste momento da dissertação, delimitar o que está compreendido no termo “criança” e, neste conceito, definir qual é o público-alvo da investigação. Assim, será possível construir uma linha de pensamento mais focada nos objetivos estabelecidos previamente.

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças (CNUDC) de 1989 estabelece que criança é *“todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.”*

A definição de quem é criança pode variar de acordo com as legislações locais. Todavia, de uma forma global, a idade máxima a ser atingida nessa classificação é de dezoito anos. No caso da presente dissertação, o feixe de luz será projetado em um público mais restrito: crianças entre seis e oito anos. Este recorte foi feito por conta da existência de uma larga diferença de percepção, bem como variadas formas de ensino e aprendizagem, de acordo com o processo de amadurecimento das crianças. Além disso, a política atua de maneira diferente entre públicos mais novos e adolescentes, por exemplo.

Adentrando a contextualização da maneira como a política atua no universo infantil, mostra-se necessário compreender o que é a infância e como as crianças estão inseridas nas sociedades ocidentais. Para Ariès (1986: p.138), a infância é uma invenção da modernidade. O autor indica que a construção da ideia de infância pelas sociedades ocidentais não existia até a modernidade, e a consequência direta do estabelecimento dessa nova concepção foi a

exclusão das crianças da participação da vida comunitária e política. Com base nesse parecer, pode ser observada uma hierarquia social baseada nas idades, na qual o adulto está no topo da pirâmide e exerce sobre as crianças uma relação de dominação e controle.

Locke (1999: p.10) defende que a criança é uma *“tábula rasa”* que inicia a vida sem nada e a partir de nada. Essa concepção faz com que ela seja encarada como um cidadão para o futuro, mas sem capacidade para participação social imediata, o que a torna invisível. Ainda que as crianças não participem de forma consciente e ativa para o progresso da sociedade em que estão inseridas, elas também são peças fundamentais para sua prosperidade.

Conforme mencionado anteriormente, existe um preconceito em relação ao que é e para que serve a política, que é constantemente associada, com exclusividade, à vida adulta. Entretanto, a política subjuga a vida em sociedade como um todo e influencia a existência tanto de adultos como de crianças. Para Arendt (2002: p.23), a política é inerente à vida humana e não importa classe social, aspectos geográficos ou, até mesmo, a idade. Ao considerar que as crianças são seres humanos que se encontram inseridos na vida em sociedade elas são seres políticos que exercem influência direta na comunidade em que estão estabelecidas.

## 2.2. O Ensino Político Infantil

O conceito de ensino político é muito sensível e em muitos momentos gera grandes confusões. Com o objetivo de evidenciar o que é e qual a sua relevância para o contexto, é necessário buscar a elucidação acerca do que é o ensino e como ele pode ser um agente transformador.

Segundo Passmore (1995), é um erro buscar uma definição formal para o ensino uma vez que ele pode ocorrer de diferentes maneiras e não existe apenas um agente responsável. Entretanto, frequentemente, o ensino é definido como “(...) uma relação triádica. Para todo o X, se X ensina, deve existir alguém e algo que é ensinado por X.” Isso quer dizer que, na concepção generalista, deve sempre existir: quem ensina, para quem se ensina e o que se ensina. Todavia, o autor também indica que “...é um facto importante que pode haver aprendizagem sem que ninguém ensine.” (Passmore, 1995: p. 19-33).

No caso do ensino político, ele tem por objetivo a educação para a civilidade e busca fomentar a ética e a relação de respeito entre todos os integrantes de uma sociedade. É importante reforçar que, conforme introduzido no início do capítulo, o ensino político não é necessariamente ensinar sobre questões políticas – e aqui sendo consideradas como apenas políticas oficiais do governo. Como indicado anteriormente, o ensino político almeja formar cidadãos críticos para constituir uma sociedade cada vez mais justa para todos seus integrantes.

Segundo Cortella (2015: p.15), “somos um animal que não nasce pronto; temos de ser formados.”. Para desenvolver



Figura 11: Daniel Cabrera “flagrado” estudando na calçada. Foto: Joyce Gilos Torre Franca 2015.

tais virtudes, as crianças devem ser ensinadas desde cedo sobre seus direitos e deveres enquanto cidadãos perante ao ambiente em que estão inseridas. Esse ensino pode ocorrer tanto de maneira formal, em que um agente se dedica a ensinar – por meio de metodologias e políticas de ensino - quanto por meio da observação de exemplos quotidianos - nesse caso não importa o agente de ensino, apenas a ação em si.

### 2.2.1. A Ética para a Vida em Sociedade

Os valores éticos são essenciais para a vida coletiva, uma vez que regem a convivência. Segundo Cortella (2015: p.17) “(...) *ética é convivência. A vida, acima de tudo, é condominial.*”. É razoável entender que os valores éticos não são individuais; são uma construção coletiva essencial para a socialização.

Em contrapartida, os valores éticos não são inerentes ao homem (Cortella, 2015), uma vez que, assim como dito anteriormente, são ensinados e aprendidos ao longo do desenvolvimento individual de cada ser, de acordo com a temporalidade e o ambiente no qual estão inseridos. Assim, é possível afirmar que esses valores são construídos com base em questões políticas e podem variar consoante à esfera social em que são aplicados.

Segundo Cortella (2009: p.18), a ética é “*o conjunto de valores e princípios que orientam a minha conduta em sociedade, a moral é a prática desses valores na ação cotidiana.*”. Uma postura ética é aquela com a qual o indivíduo se responsabiliza tanto por suas ações, quanto pelas reverberações na vida dos

outros. Os princípios éticos estimulados desde cedo por meio da educação permitem aperfeiçoamento moral dos indivíduos.

A partir da indicação de que o ser humano não nasce com valores éticos, é imprescindível que a formação dos indivíduos seja priorizada e objetive a manutenção e a perpetuação dos mesmos valores éticos conservados na mesma sociedade. Não é tão somente responsabilidade da escola e dos pais a transmissão de valores para as crianças. As políticas públicas, instauradas pelo governo e pela sociedade como um todo, têm papel fundamental no desenvolvimento de seus cidadãos.

O ensino proporcionado pelo Estado e por educadores e, até mesmo, a educação promovida pelos pais e familiares é moldada graças às políticas oficiais implementadas pelo governo. Assim, dentro do contexto infantil, a política exerce grande influência na formação dos indivíduos, pois esculpe e direciona a aprendizagem infantil com intuito de atender aos interesses da própria sociedade.

Retomando a afirmação de Cortella (2015), uma vez que os indivíduos não nascem prontos para a vida em sociedade, é necessário que eles sejam ensinados desde cedo sobre suas obrigações, deveres sociais e direitos. Para tal, existem diversas metodologias de ensino. Uma delas é a defendida por Freire (2013: p.94) que se opõe à educação tradicional que, segundo o autor, aliena e coisifica os homens uma vez que, neste modelo, o educador não se comunica, mas faz apenas “comunicados”.

## 2.2.2. A Pedagogia da Autonomia

Freire (2013: p. 35-36) defende que o ensino deve ser responsável pela “Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. *“Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito.*”

Pode-se afirmar que essa forma de ensino está voltada para o desenvolvimento de seres críticos que têm criticidade sobre a evolução da sociedade e acerca da própria autonomia. Nesse caso, é importante que as pessoas sejam consideradas como sujeitos individuais e não como meros objetos que atendam às necessidades do que lhes é imposto. Vale ressaltar que, no contexto de Freire, o emprego da palavra “liberdade” possui um sentido diferente do proposto por Arendt e indicado anteriormente nessa mesma investigação. Para o autor, liberdade significa o direito de agir segundo o seu livre arbítrio, de acordo com a própria vontade com base em seus valores éticos, livre das amarras impostas pela sociedade.

A visão de ensino para liberdade aqui defendida foge do modelo de ensino tradicional, que foi definido por Freire (2005: p.79) como “educação bancária” em uma direta alusão aos bancos. Para o autor, a “educação bancária” nega o diálogo, preocupa-se unicamente com os fatores técnicos e apenas deposita o conteúdo na cabeça do aluno, o que perpetua e reforça o autoritarismo do educador perante o educando.

Em contrapartida, o modelo defendido por Freire (2013: p.228) tem por objetivo o desenvolvimento de cidadãos conscientes e críticos e busca a libertação das pessoas pelo conhecimento e diálogo. Essa forma de ensino para liberdade de Freire é definida como uma Pedagogia da Autonomia, Essa metodologia de ensino se enquadra em uma visão de ensino político.

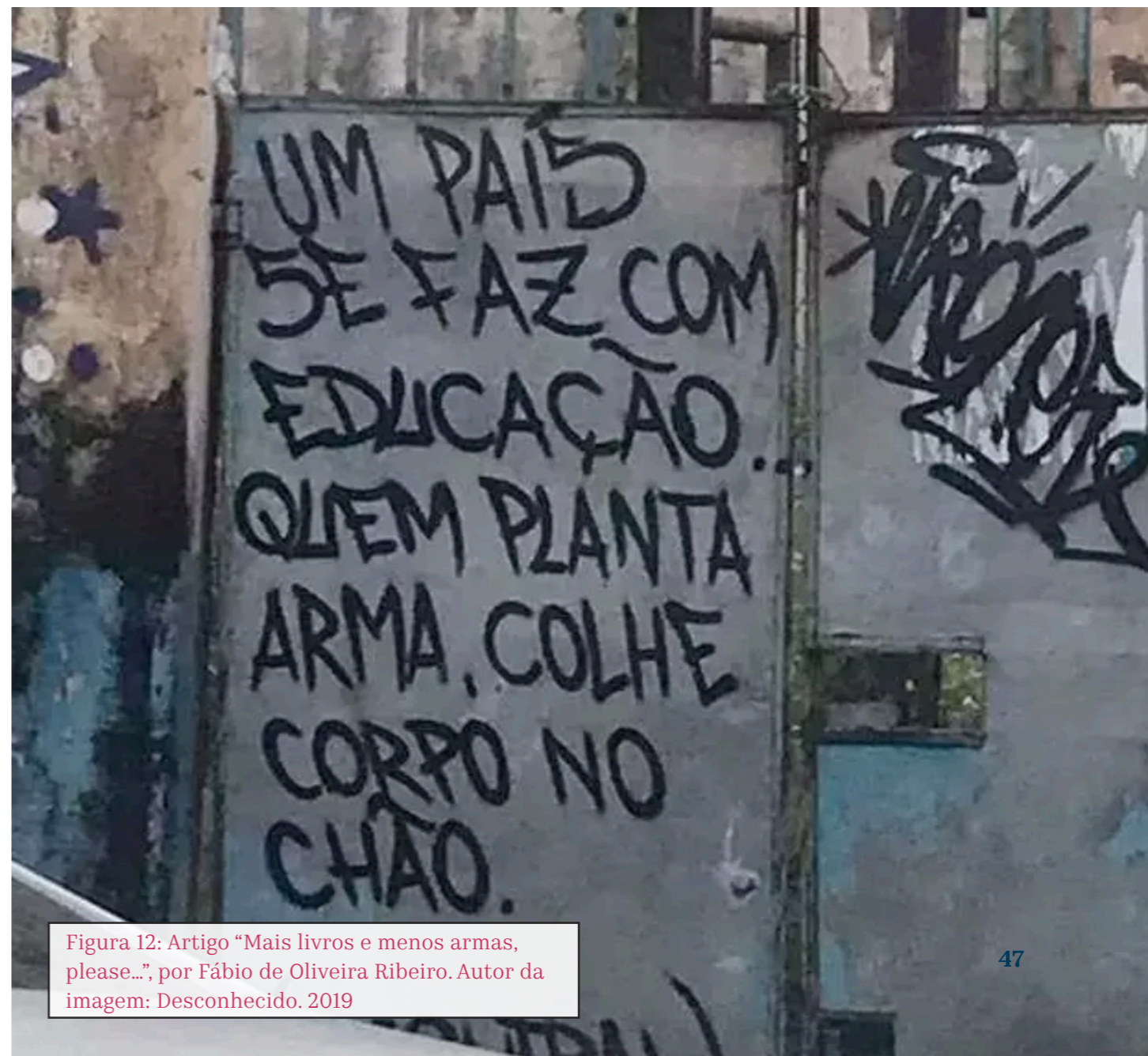


Figura 12: Artigo “Mais livros e menos armas, please...”, por Fábio de Oliveira Ribeiro. Autor da imagem: Desconhecido. 2019

### 2.2.3. Ferramenta para Evolução Social

Conforme demonstrado anteriormente, o ensino é parte fundamental para a constituição da sociedade, bem como para a manutenção e perpetuação dos valores éticos difundidos nessa mesma sociedade. É necessário que a educação seja considerada como uma ação social, que tem como objetivo principal o aperfeiçoamento dos valores do corpo social em que se está inserido. Freire (2013: p.105-106) indica que o ensino deve ser um agente emancipador das pessoas, que deve formar futuros cidadãos conscientes em busca de uma sociedade mais igualitária.

O autor também defende (2013: p.93) *“uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço.”* Na visão de Freire, o ensino deve incentivar o diálogo para que a sociedade seja capaz de identificar, discutir e solucionar seus problemas. De acordo com o pedagogo, a educação é um ato de coragem, por isso não se pode temer o debate, pois ele enriquece o conhecimento. Nesse mesmo sentido, dialogar com aqueles que são diferentes é uma das bases da política, conforme defendido por Arendt (2002), e é responsável pela evolução da sociedade. O ensino libertador pretende melhorar a comunicação entre os cidadãos plurais e minimizar a perpetuação de preconceitos.

Seguindo o pensamento “freiriano”, para criação de uma sociedade mais justa e igualitária, é necessário que as amarras do ensino tradicional sejam desfeitas e que os princípios dos valores éticos e da cidadania sejam introduzidos às crianças desde cedo. Sousa (2002) defende a relevância da educação para a cidadania e de uma educação embasada nos valores democráticos.

Para o Freire (2001: p.20), *“É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa. (...) Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, (...)”*. É possível inferir que, na concepção do autor, a educação pode contribuir positivamente, não somente para a formação do cidadão individualmente como, também, ao próprio desenvolvimento do corpo social, isto é, do coletivo.

Cidadãos conscientes tendem a ser mais justos e participativos para contribuir em sociedades mais tolerantes, igualitárias e democráticas. Candau (1999) complementa:

**“Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social.” (Candau, 1999: p.112)**

Arendt (2002: p.57) corrobora que todos são capacitados para exercer a cidadania. Segundo a filósofa, é necessário apenas fazer parte de uma comunidade e ter opinião, ou seja, basta existir. Seguindo a mesma linha de pensamento, Menezes (2014: p.16) afirma que: *“dizer que o acesso à cidadania é determinado pelo acesso à informação é criar condições para uma exclusão acrescida de um número cada vez maior de excluídos”*. Independentemente de classe social,

idade ou localização geográfica, todos devem ser considerados como iguais perante a sociedade.

De acordo com Menezes (2014: p.29), as pessoas se tornam mais críticas de acordo com a quantidade de recursos que possuem. Para a autora, esses recursos não são necessariamente financeiros, mas, sim, estão associados à possibilidade de acesso que um indivíduo tem a livros, cinema, museus, estudo formal, informação, entre outros.

Entretanto, vale ressaltar que, em momento nenhum da história da sociedade, as pessoas tiveram tanto acesso a recursos quanto se tem atualmente graças às novas vias de comunicação e disseminação de informação. Ainda sim, é possível observar grandes abismos de conhecimento no desenvolvimento dos indivíduos. O excesso de recursos e consumo de informações pouco ou nada elaboradas, que não refletem a complexidade dos temas e que não possuem sustentação real, em muitos casos, torna-se mais problemático do que a própria falta de qualquer recurso, uma vez que se tornam agentes de exclusão social e propagadores de ignorância.

Para desenvolver uma sociedade composta por cidadãos ativos, é necessário que seus indivíduos tenham acesso às ferramentas adequadas para tal. O ensino para a liberdade é aquele que não permite que as pessoas sejam postas à margem da sociedade (Freire, 2013: p.82), mas promove a inclusão de todos os indivíduos em busca de criar uma sociedade mais igualitária, em que seus integrantes são independentes, críticos e conscientes de suas ações.

É possível observar a importância do ensino político para a construção da sociedade do futuro. De acordo com Freire (2013: p.12), criar uma sociedade de seres críticos é importante para que haja evolução social. Nesse sentido, para a manutenção e evolução da sociedade, é fundamental que o cidadão participe e se comprometa com os valores democráticos perpetuados. Para isso, é necessário que ele tenha conhecimento de seus deveres e direitos sociais, além dos valores éticos e de cidadania.

Conforme Arendt (2002), a vida é uma construção coletiva, elaborada por meio do senso comum, que também se presta para manter a ética, a moral e a lei no espaço público e, assim, assegurar a sobrevivência das presentes e futuras gerações. Isto posto, é possível entender que a principal parte que constitui uma sociedade não deve ser o governo, mas, sim, as próprias pessoas. O ensino político se torna fundamental para possibilitar a formação de cidadãos conscientes de suas decisões, com o poder de contribuir para o caminhar da sociedade, independente das políticas oficiais do estado.

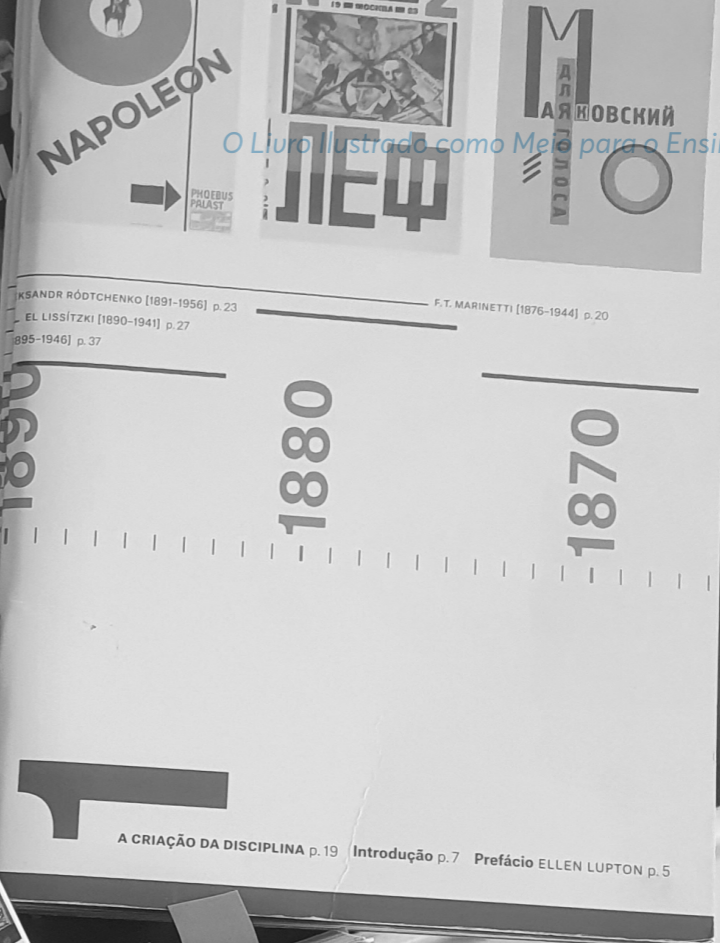
No caso específico do processo de ensino infantil, os livros são protagonistas. Para Battelheim (2011: p.104), *“Há uma altura certa para experiências de crescimento, e a infância é a altura para aprender a transpor o imenso fosso entre as experiências interiores e o mundo real”*. Seguindo esse raciocínio, os livros são uma forte ferramenta de aprendizagem, a partir do momento em que estabelecem uma conexão entre o imaginário infantil e o mundo real. Os livros podem ser o ponto de partida para o desenvolvimento de novos conhecimentos e perspectivas.

# PARTE 3

HISTORY OF ILLUSTRATION

SUSAN DO JALEEN WHITN

PARA LER O LIVRO ILUSTRADO  
Sophie Van der Linden



The Designer's Dictionary of Colour  
By Sean Adams  
Foreword by Jessica Helfand

## 3. LIVROS ILUSTRADOS: VIA DE ENSINO POLÍTICO

### 3.1. O Livro para a Infância

Linden (2011: p.11) afirma que: “a história do livro ilustrado ainda está por ser escrita” e que, apesar de haver alguns capítulos dessa história já escritos por pesquisadores, a origem dessa modalidade de livros permanece indefinida. Segundo Powers (2008: p.10), foi em meados do século XVIII que os primeiros livros infantis nasceram. Esse fato coincide com a noção de que, até então, as crianças eram consideradas equivalentes aos adultos e não existiam publicações projetadas, exclusivamente, a esse público. Assim, é possível entender que, até este período, não existia adequação de linguagem nem censura em relação a determinadas temáticas.

Voltar-se para a história e realizar um retorno à origem dos livros infantis se mostra de suma importância para compreender sua evolução e, ainda, observar o fato de que, em séculos anteriores, assuntos que atualmente são considerados complexos demais para as crianças eram abordados de forma natural dentro do contexto social. Entretanto, não foram apenas as narrativas que passaram por profundas transformações. O próprio livro, enquanto objeto gráfico, evoluiu de acordo com os avanços das técnicas de impressão e produção até chegar ao que conhecemos na atualidade.

Linden (2011: p.11) afirma que foi com uso da técnica de xilogravura que os primeiros livros infantis foram produzidos, uma vez que, até o final do século XVIII, essa era a única técnica que permitia criar a interação entre textos e imagens, em uma mesma página. Em contrapartida, o objeto que conhecemos na atualidade não possui limitações

em termos de materialidade, formato, estilos ou técnicas. Em sua maioria, eram uma cuidadosa elaboração de sua dimensão visual como um todo.

Figura 14: Marley Dias, ativista pela representatividade negra nos livros infantis. (foto: reprodução Instagram/ @marleydias) 2019



### 3.1.1. Tipologias

Segundo Linden (2011: p. 24-25), existem diversas tipologias de livros voltadas para o público infantil. Cada uma possui características particulares, desde a forma como apresentam a narrativa até a própria estrutura do objeto. São elas:

**a) Livros com ilustração:** o texto é espacialmente predominante. A história é contada pelo texto e as imagens são utilizadas para ilustrar determinado momento da ação da narrativa.

**b) Livros ilustrados:** a narrativa se faz com a integração entre texto e ilustração. Nesse tipo de livro, a ilustração é parte fundamental da narrativa.

**c) Primeira leitura:** possui uma estrutura intermediária entre o livro ilustrado e o livro com ilustração. As imagens aparecem tanto dissociadas do texto como integradas ao mesmo, ao longo do livro.

**d) Banda desenhada (histórias em quadrinhos):** a história é articulada por meio de imagens “solidárias”. Em muitos casos, apresenta balões de fala e a narrativa é organizada em compartimentos justapostos em diferentes níveis.

**e) Livros pop-up:** livro que possui mecanismos, dobraduras e encaixes que permitem a criação de elementos tridimensionais.

**f) Livros brinquedos:** objetos híbridos que regularmente são desenvolvidos em materiais alternativos ao papel, como peluche, plástico e madeira.

**g) Livros interativos:** são um suporte para outras atividades além da leitura, tais como: pintura, desenho, recortes, colagem, entre outras. Em muitos casos, estão acompanhados de materiais como tinta, lápis de cor, tecidos e adesivos.

**h) Livros imaginativos:** obras que objetivam a associação de texto com imagens. Visam a aquisição da linguagem por meio do reconhecimento das imagens referenciais que acompanham o texto.

Como é possível observar, existe uma vasta gama de modalidades de livros para a infância, na atualidade. Entretanto, ao considerar que o objeto de estudo da presente dissertação são os livros ilustrados, o foco da pesquisa será dado exclusivamente nessa categoria de livros infantis.

## 3.2. O Livro Ilustrado

O que diferencia um livro ilustrado das demais modalidades de livros infantis é, grosso modo, a interação entre ilustração e texto. Entretanto, vale ressaltar que, apesar dessa tipologia ser comumente associada exclusivamente ao público infantil, ela também pode ser voltada para o público mais velho, consoante à forma como a narrativa e objeto livro são construídos.

Segundo Carla Oliveira (2018), editora da Orfeu Negro e Orfeu Mini, os livros ilustrados devem ter diversas “camadas” para suscitar outras leituras. Oliveira também aponta que devemos ter a oportunidade ler e reler um livro e, a cada vez, encontrar novos ângulos de leitura e novos elementos que compõem a mesma narrativa. No campo teórico, esse tipo de leitura ocorre graças a uma análise hermenêutica que, dentre outras características, parte de uma observação do todo para, em seguida, examinar os detalhes. Estes, por sua vez, possibilitam uma nova avaliação do todo. Assim, a dissecação da narrativa ocorre de forma cíclica, o que pode gerar novos ângulos de leitura para um mesmo contexto (Nikolajeva e Scott, 2011: p.14).

Esse tipo de análise hermenêutica também resulta de reflexões de ordem contextual e de sentidos, sinais e mesmo de linguagem verbal e não verbal. Além disso, colabora para a compreensão irrestrita da narrativa. Entretanto, isso só é possível, a partir do momento em que existe uma preocupação real com todos os elementos empregados na construção de um livro.

Outro aspecto importante a ser considerado é

que, conforme passam os anos e ocorrem mudanças no desenvolvimento cognitivo da criança, a mesma história passa a ter diferentes interpretações e compreensões.

Em termos de linguagem, Linden (2011: p.8) ressalta que o livro ilustrado evoca duas áreas distintas: a textual e a visual. Para a autora, o livro ilustrado surge na mútua interação entre esses dois elementos, o que os torna igualmente importantes para a construção da narrativa e de sua interpretação por parte do público leitor. Em concordância com a autora, Nikolajeva e Scott (2011: p.13) apontam que o caráter ímpar dos livros ilustrados, como forma de arte, baseia-se na combinação dos dois níveis de comunicação: o visual e o verbal.

Voltando-se ao campo da semiótica, é possível afirmar que esse modelo de editorial se comunica por meio de dois conjuntos de signos: o icônico e o convencional. No contexto específico dos livros ilustrados, os signos icônicos seriam representados pelas imagens e os convencionais pelas palavras.

Nikolajeva e Scott (2011: p.13) indicam que a função das imagens - signos icônicos - é a de descrever ou representar. Já os signos convencionais - as palavras - têm como principal papel a narração de algo. As autoras também pontuam que a interação entre essas duas formas de comunicação gera uma tensão que oportuniza inúmeras possibilidades de interação. Assim, a conexão entre linguagem verbal e visual é fundamental para a construção das narrativas em um livro ilustrado.

De acordo com Golden (1990: p.22), é possível criar uma classificação sobre os tipos de interação entre textos e imagens:

- a. O texto e as imagens são simétricos e, assim, cria-se uma redundância de ideias, pois ambos passam a mesma mensagem;
- b. O texto é esclarecido pelo uso da imagem;
- c. A ilustração reforça o que é dito no texto;
- d. O texto carrega a narrativa essencial, e a ilustração é que se ocupa de partes da narrativa;
- e. A ilustração carrega a narrativa essencial, e o texto é que se ocupa de partes da narrativa.

Outro aspecto relevante, referente à interação entre os dois tipos de linguagem, está relacionado com a maneira como ela pode atrair o leitor para a narrativa. Esse recurso é muito utilizado para evitar que o leitor seja apenas um agente passivo. É o chamado “contraponto” que, neste contexto, consiste em criar lacunas entre a linguagem verbal e a visual para que o próprio leitor as preencha. Essa é uma forma de estimular a criatividade e encorajar a interação com a narrativa. Para André Letria (2018), idealizador da editora Pato Lógico, criar essas lacunas entre texto e imagem é fundamental para o desenvolvimento do público leitor e, ainda, evita que a narrativa se torne demasiado óbvia e desinteressante.

**“Quando as imagens propõem uma significação articulada com a do texto, ou seja, não são redundantes a narrativa, a leitura do livro solicita apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado.” (Linden, 2011: p.8).**

Cada um dos modelos de interação destacados por Golden (1990: p.22) pode ser utilizado de acordo com a intenção do autor. Entretanto, também é importante lembrar que existem livros ilustrados que adotam apenas um tipo de linguagem. Não raro, é possível encontrar exemplares que adotam apenas a linguagem visual, nos quais apenas as imagens constroem sua narrativa. Esse tipo de livro-imagem se mostra especialmente desafiador do ponto de vista da comunicação, uma vez que pode criar hiatos para a interpretação única de cada leitor.

No livro ilustrado, texto e imagens podem se ignorar, complementar-se, contradizer-se. Entretanto, dificilmente podem ser compartimentados ou separados completamente. Conforme mencionado anteriormente, a interação entre a linguagem verbal e a visual é vital para a composição da narrativa, em um livro ilustrado. Dessa forma, mostra-se necessário aprofundar-se em cada uma dessas formas de linguagem para aprofundar sua compreensão.

### 3.2.1. Linguagem Verbal

A linguagem verbal consiste na parte textual dos livros ilustrados, ou seja, é a vertente que utiliza as palavras - o signo linguístico - na comunicação.

É notável que, com o passar dos tempos, os livros ilustrados passaram por grandes mudanças do ponto de vista de sua construção editorial. Uma das maiores transformações é o fato de que, em muitos casos, a linguagem verbal - o texto -, nos livros contemporâneos, integra-se às imagens e aparece inclusive nas ilustrações, uma prática incomum para os livros mais antigos. Logo, existe uma tendência à plasticidade nas mensagens linguísticas dos livros ilustrados atuais (Linden, 2011: p.93).

Em muitos casos, a tipografia adotada, além de assumir aspectos estéticos, pode, também, ressoar o propósito da própria narrativa em si. É importante considerar que, do ponto de vista formal, o texto é muito mais do que apenas um emaranhado de palavras escritas. O texto assume um caráter icônico de extrema relevância, a partir do momento em que busca visualmente dar conta de seu significado,

com o intuito de que o leitor compreenda a mensagem transmitida em sua totalidade. Nessa conjunção, as palavras são dispostas nas páginas para, organizadamente, apresentarem uma estrutura sintática de composição da mensagem visual da narrativa.

**“Do ponto de vista estritamente formal, o texto pode convergir para a imagem de duas maneiras: quer se apresentando ele próprio como uma representação icônica, quer apresentando características plásticas formais” (Linden, 2011: p.93)**

Outro aspecto relacionado ao texto se refere à própria mensagem transmitida. Existem diferentes maneiras de abordar temas específicos e se comunicar com o público leitor. Alguns autores, por exemplo, optam por textos mais figurativos, por meio de paralelismos com a vida da criança para que ela compreenda o que está descrito. Outros preferem ser mais literais com textos diretos e pedagógicos. O fato é que a língua possui inúmeros recursos linguísticos que podem ser explorados de diferentes formas para a construção da narrativa.

### 3.2.2. Linguagem Visual

A linguagem visual dos livros infantis é composta por todos aqueles elementos que, em conjunto, criam sua base estética. Apesar de a ilustração ser o elemento mais evidenciado nesse contexto, as cores, a tipografia, a diagramação, o tipo de papel usado e as texturas também constituem a linguagem visual. É importante ter em conta que a escolha desses elementos não deve ocorrer de forma aleatória, pois eles precisam ser utilizados de acordo com critérios técnicos e estéticos e, ainda, devem ser considerados sempre como uma unidade em busca da transmissão de uma mensagem coesa e coerente.

Do ponto de vista da estética - no domínio específico da imagem -, Rancière busca evidenciar em seus estudos que há uma relação inseparável entre a própria estética e a política. Para o autor, a estética tem o poder de reconfigurar o modo como vemos e sentimos o mundo. A linguagem visual dos livros ilustrados - a estética do objeto - também possui, assim, uma dimensão política que deve ser analisada com mais afinco para compreender sua relevância para a formação do pensamento crítico.

Figura 15: Livros: “1984” e “Wizard of Oz”. Compilação do autor.

## a. A Política da Imagem

De acordo com Rancière (2012: p.103), ao interpretar as imagens pelas suas características meramente visuais, o sujeito está desconsiderando o labiríntico jogo de relações que determina seu real sentido. Para o autor, por trás de cada imagem, existe um emaranhado de ideias e ações quem organizam a composição de sua relevância para o contexto em que ela está inserida.

Ainda em relação às imagens, Debord (2017: p.40-41) defende que elas produzem, por si só, a passividade do espectador, a partir do momento em que ele se vê afastado dos acontecimentos ali representados e sente-se impotente para promover uma transformação política. Nesse contexto, o autor defende que a imagem aliena o homem, não importa qual o seu conteúdo.

Criando um contraponto, Rancière (2012: p.114) busca, em seus estudos, distinguir o papel emancipatório que a imagem tem sobre o espectador - aquele que está vendo tais imagens. Em seu contexto, o autor aponta que a emancipação do espectador pode surgir da construção de imagens sutis, capazes de contribuir para novas formas de articulação entre o que é dito, o que é visto e o que é pensado.

Rancière (2012: p.75) compreende, também, que política e arte possuem um vínculo legítimo, a partir do momento em que ambas produzem ficções. Entretanto o autor defende que a obviedade das obras de arte apenas infantiliza o espectador e não fomenta o pensamento crítico.

O objetivo de trazer as reflexões de Rancière (2012) acerca

da dimensão política das imagens para o contexto dessa dissertação, dá-se pelo fato de que, em muitas conjunturas, os livros ilustrados são considerados como meros objetos de entretenimento ou, em alguns casos, podem ser associados a uma pedagogia comportamental que pretende apenas promover a inserção da criança em um mundo no qual o que impera é uma visão exclusivamente pragmática.

Entretanto, ao considerar o papel central assumido pela literatura infantil na perpetuação dos valores éticos e de cidadania e no desenvolvimento da educação infantil, é possível apontar que os livros ilustrados também possuem um valor político. As reflexões de Rancière (2012) se mostram de suma relevância para o tema, a partir do momento em que essa modalidade de livros, aqui analisada, é composta por imagens, isto é, o próprio objeto em si possui dimensão política.

No caso dos livros ilustrados, existem diversos elementos que constituem sua linguagem visual. O elemento de maior destaque é a própria ilustração



Figura 16: "We Can Do It!". Poster de Howard Miller em 1943.



Figura 17: "I shop therefore I am". Imagem de Barbara Kruger.

## b. A Ilustração

Apesar de as imagens possuírem um alcance universal, seu emprego nos livros ilustrados exige muita atenção por parte dos leitores. Isso se dá pelo fato de que, assim como ocorre com os textos, é preciso conhecimento prévio dos respectivos códigos para sua correta interpretação.

No caso da ilustração, Doyle, Grove, Sherman (2019), definem que ela é um código que usa convenções visuais, como: mimetismo, estilo e composições de significados previamente estabelecidos.

**“Simply put, illustration is visual communication through pictorial means (...) And, while illustration often accompanies or refers to a written or spoken text, it may also operate independently. Because the illustrator must make visual what words can only generally indicate, illustration originates meaning, just as writing does.”**

**(Doyle et al. 2019: p.XVII)**

A partir do momento em que ela cria novos sentidos, em muitos casos, a ilustração deve ser acompanhada de um texto para que sua real acepção seja compreendida pelo leitor. Linden (2011: p.122) indica que a ilustração é uma representação pictórica que integra, adorna ou colabora para o esclarecimento de algo no texto, assim, assume um caráter pedagógico. A ilustração pode ajudar a atrair a criança e incentivar o interesse pela leitura, o que facilita a aprendizagem de novas palavras e funciona como estímulo para a verbalização.

Ao considerar a visão defendida pelos autores, Doyle (et. al 2019, p:XIX), é possível considerar que a ilustração pode reforçar o significado de algo e criar novos significados, na medida em que distorce o indicado pela linguagem verbal. O ilustrador, com isso, tem um papel fundamental na transmissão de sua visão sobre a narrativa.

Contudo, para Battelheim (2011: p.93-94), ao deixar que alguém determine nossa imaginação, no caso o ilustrador, a história perde muita significação pessoal. Segundo o psicanalista, em muitos casos, as ilustrações distraem, em vez de ajudar, pois podem desviar o processo de aprendizagem e afastar a criatividade da criança que passa a enxergar a história pelo “olhar do ilustrador”.

Vale considerar, todavia, que, na época em que Battelheim fez essa análise acerca das ilustrações em livros ilustrados, os estilos de livros eram muito diferentes dos atuais. Existiam apenas, quase que exclusivamente, contos de fadas e narrativas com ilustrações realistas e literais. Apesar de extremamente relevante, essa observação não se aplica a todos os modelos de livros da atualidade.

De acordo com Zimmermann (2008: p.10), no universo do livro infantil, a ilustração é uma importante ferramenta para trabalhar o estímulo da leitura visual e pode ser utilizada como importante instrumento na educação visual da criança. A autora também defende que a ilustração nos livros torna a leitura mais pausada e permite uma maior reflexão acerca da narrativa. Por essa razão, a utilização das imagens colabora para a formação de leitores não apenas verbais, mas, paralelamente, visuais.

### 3.3. O Ensino Político no Livro Ilustrado

Com o passar dos anos, a forma pela qual os textos e ilustrações são apresentados nos editoriais infantis passou por muitas transformações. No entanto, temas mais “complexos”, que anteriormente eram apresentados naturalmente para crianças - antes da criação do conceito de infância -, perderam espaço no mercado por serem considerados inapropriados.

Em muitas livrarias que possuem uma orientação voltada para as necessidades do mercado, é possível encontrar, por exemplo, somente livros com histórias moralistas de princesas e super-heróis. Essa modalidade de narrativa, em alguns casos, pode ser importante para auxiliar a construção da personalidade das crianças. Contudo, em muitos casos, apenas auxiliam a manutenção do status quo e dos estereótipos existentes, sem permitir que o leitor questione ou crie sua própria visão acerca do mundo e da sociedade.

Ao considerar que a literatura infantil auxilia na construção da base cultural e da personalidade das crianças, é necessário que seja dada a devida importância a ela. Apesar de o visual estético dos livros ser de extrema relevância para atrair o público, focar apenas nesse aspecto não é o suficiente para que o livro seja uma via de ensino libertador. Para isso, é necessária a utilização de livros para ensinar as crianças a estabelecer diálogos construtivos com os outros, a respeitar as diferenças de cada indivíduo e a compreender a diversidade como algo natural em um mundo plural e coletivo.

Uma das frases mais célebres de Fernando Pessoa traz a ideia de que “nenhum livro para criança deve ser escrito para crianças”. Em concordância com o escritor, Letria (2018) indica que a leitura de um livro ilustrado deve ocorrer de acordo com o desenvolvimento cognitivo de cada faixa etária: imagens - termos - frases - associações externas ao contexto do livro. Para o editor, é preciso considerar o público como capaz de absorver todos os tipos de temáticas. Assim, o livro pode atravessar as gerações e se tornar interessante tanto para crianças como para adultos.

Do ponto de vista do ensino político, a criação do diálogo por trás das mensagens contidas nos livros ilustrados é tão vital quanto a maneira como determinados assuntos são abordados. Oliveira (2018) defende que “a linguagem importa” uma vez que é por meio dela que os preconceitos nascem e são perpetuados. É essencial que exista uma atenção especial para a linguagem adotada nos livros - tanto verbal quanto visual - e evitar ao máximo os vícios linguísticos que propaguem percepções incompatíveis à sociedade atual.

Para Oliveira (2018), é importante evitar a perpetuação de histórias de príncipes e princesas, uma vez que elas transmitem apenas valores moralistas e convencionais, e não são mais adequadas para a atual realidade social contemporânea. É imprescindível criar novas maneiras de educar e ensinar as crianças a pensarem por si, de forma crítica e ativa. A editora também defende que é preciso fugir do lugar-comum e que muitos pormenores presentes nas publicações tradicionais, ainda que de forma sutil, devem ser evitados com o objetivo principal de criar esse novo modelo de ensino inclusivo, como, por exemplo: respeito

à diversidade religiosa; não inclusão de representações cristãs, como o crucifixo, nas ilustrações; não representação de uma mãe de avental na cozinha próxima a um pai, na sala, de perna cruzada, a ver televisão; exclusão de clichês sexistas, entre outros.

Para Letria (2018), os livros com viés mais político, em muitos momentos, causam choque e, por conseguinte, a discussão. Essas reações são importantes e esperadas para a evolução da sociedade. Para o editor, é fundamental discutir aspectos sociais como uma forma de profilaxia. Somente dessa forma é possível evitar certos desastres sociais.

A relevância de gerar debate acerca dos tipos de temas apresentados para as crianças por meio dos livros ilustrados, dá-se pelo fato de que é preciso focar na construção da sociedade futura e, por meio da abordagem de temas que fomentem o diálogo, é possível formar jovens mais conscientes e críticos (Letria, 2018). Por meio dos livros ilustrados, é possível apresentar novos conceitos e introduzir termos e temas inovadores para o público leitor.

### 3.4. O Papel dos Livros na Educação Infantil

Para a educação infantil, o recurso da literatura possibilita a aprendizagem de diversas realidades e faculdades. Cantarelli (2006) afirma que a literatura é um importante meio condutor para o acesso à sabedoria. Os livros são em muitos casos a porta de acesso para o conhecimento e cultura. Por isso, é importante que a leitura seja estimulada desde cedo.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Silva (1981) defende que a literatura para a infância *“tem desempenhado uma função relativíssima até aos seus destinatários, na modelização do mundo, na construção dos universos simbólicos, na convalidação de sistemas de crenças e valores”*.

A leitura auxilia o desenvolvimento, em seus leitores, de valores de ordem cultural, histórica, ideológica e social, por meio da relação estabelecida entre leitor e texto. Azevedo (2006: p.40) indica que os textos permitem *“ceder ao conhecimento e fruição da cultura, entendida, quer numa perspectiva de bens simbólicos, quer numa perspectiva de ferramentas de conhecimento e de ação”*. Nesse sentido, o livro pode apresentar novos conceitos e formas de lidar com determinadas situações, de acordo com os aspectos da vida em sociedade. De acordo com Munari (2008), é durante a infância que se desenvolvem os hábitos que serão levados com o indivíduo durante a vida toda. Por conseguinte, torna-se evidente a importância de incentivar o gosto pelos livros e pela criticidade, a partir dos anos iniciais do processo educacional.

Segundo Freire (1989: p.48), *“A educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova.”* Para o pedagogo, no mundo todo, as obras infantis deveriam ser utilizadas como ferramenta de aprendizagem, desde a primeira infância. A associação de texto e imagens transportam o leitor para um universo único, em que diversos temas podem ser abordados de forma literal ou metafórica. Os livros têm um papel ativo e decisivo no processo de ensino e aprendizagem.

Figura 13: Foto: Adão de Souza/ Portal BH. 2018.



Para Freire (1989) o ato de ler é uma forma de conhecer o mundo:

**“...não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da língua escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.”**

**(Freire, 1989: p.9)**

Ao compreender a importância que a literatura infantil tem no processo de aprendizagem, considera-se que ela assume, também, um papel de protagonismo no que se diz respeito à educação para os valores éticos e de cidadania. Isso se dá pelo fato de que, por meio das histórias apresentadas ao público, é possível reforçar valores, introduzir novos conceitos e apresentar seus direitos e deveres perante a sociedade.

A literatura para a infância, desenvolvida com intuito pedagógico e lúdico, colabora para o desenvolvimento de cidadãos críticos, pois constitui em um meio relevante para o ensino dos valores éticos e de cidadania. Mostra-se de extrema relevância apropriar-se desse meio para inserir ao público infantil determinados temas politicamente relevantes para a construção de uma sociedade mais igualitária.

A literatura infantil também tem um papel importante na construção dos valores perpetuados em uma sociedade.

Para Azevedo (2006), o conhecimento é desenvolvido pela interação:

**“Lendo e interagindo com textos literários, os recetores aprendem a conhecer e a dominar os códigos, as convenções e os princípios que, social e culturalmente aceites no âmbito das comunidades interpretativas sincronicamente existentes, revelam os processos de produção e de receção das mensagens literárias.”**

**(Azevedo, 2006: p.33)**

Dessa maneira, as obras literárias são fortes recursos para o desenvolvimento do pensamento cívico das crianças, na medida em que o leitor é capaz de compreender e analisar as atitudes do personagem em questão e assim estabelecer uma relação de comparação com seu próprio comportamento. Por consequência, ele pode observar na própria história os efeitos de determinados atos para, em seguida, aprender com eles.

Além dos processos de aprendizagem, a literatura infantil é uma ferramenta poderosa no processo de formação do caráter das crianças. O psicanalista Battelheim (2011: p.15) defende que a literatura para a infância influencia diretamente o comportamento, bem como o desenvolvimento de sua personalidade. Ela colabora para que a criança compreenda múltiplas questões sobre sua própria vida. O autor entende que o objetivo da literatura infantil não deve ser apenas divertir e informar, mas, também, objetiva “desenvolver a mente e a personalidade da criança”.

De acordo com Battelheim (2011: p.107), a partir da leitura, diversos aspectos que são apresentados ao longo das narrativas, como o bem e o mal; a felicidade e a tristeza; o certo e o errado, colaboram para que a criança compreenda seus próprios sentimentos, a partir da relação criada com os personagens. A literatura infantil é uma forte aliada no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Em síntese, é possível afirmar que a leitura é essencial para a inserção do ser humano na sociedade. O incentivo à leitura deve começar muito cedo na vida dos indivíduos. Pela leitura, as crianças começam a interagir com mundo e a absorver conceitos importantes para a vida coletiva. Estimular e proporcionar às crianças o contato com a leitura desde cedo é, antes de mais nada, uma responsabilidade com a formação dos adultos de amanhã.

### 3.5. O Mediador da Leitura

A leitura não deve ser considerada apenas como um processo de decodificação de signos, mas uma estratégia muito superior. Por meio do processo de leitura, o sujeito entra em contato com os significados de acordo com seu conhecimento de mundo. Isso quer dizer que a interpretação e a compreensão de um mesmo texto variam consoantes às referências culturais de cada indivíduo.

Ao praticar o ato de ler, o leitor imerge no processo de formação dos sentidos, atividade humana vital para o desenvolvimento e manutenção da cultura de uma sociedade. O processo de leitura é uma prática social pela qual o leitor, por meio da linguagem, pode se inserir em um universo de cultura, o que o torna um ser pensante e racional. A leitura é uma ação que prepara os leitores para participar efetivamente da sociedade em que estão inseridos. É essencial que o hábito da leitura seja estimulado desde cedo.

Em se tratando de um público mais jovem, existe um fator de extrema importância para que os processos de desenvolvimento cognitivo e de compreensão da narrativa ocorram de forma plena. Esse fator chave é o mediador da leitura. Este é relevante na medida em que crianças abaixo dos seis anos ainda não passaram pelo processo de alfabetização e, por assim dizer, não são capazes de fazer a leitura textual dos livros, apenas uma acepção imagética. Nesse caso, o mediador da leitura é o responsável pela forma na qual a mensagem será transmitida para a criança.

Ao considerar que a alfabetização se inicia entre os seis

e os sete anos, e o foco da presente dissertação é o público de seis a oito anos, o mediador da leitura passa a ser, nesse contexto, um dos mais importantes agentes para que a criança compreenda a narrativa dos livros.

Figura 18: livro “Amoras” por Emicida.  
Foto: Aurélio Alves. 2019



# PARTE 4



## 4. REFERÊNCIAS DE CASO

## 4. Referências de Caso

Durante o processo de análise teórica e coleta de informações, considerou-se importante pesquisar e analisar livros ilustrados que abordassem temas relacionados a ética e cidadania e três foram escolhidos. Dessa forma, tornou-se possível criar uma pequena base de referências para compreender o segmento de livros infantis.

As publicações escolhidas para análise foram: “Greve” (2011) de Catarina Sobral; “As mulheres e os homens” (1977) da Equipo Plantel; “Quem manda aqui: um livro sobre política para crianças” (2015) dos autores André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Paula Desgualdo e Pedro Markun.

A seleção dessas publicações ocorreu por englobarem temáticas variadas, ainda que dentro do ensino político, e por possuírem diferentes maneiras de abordar esses temas. Ao encarar publicações copiosamente variadas, a análise se tornará mais rica e construtiva.

Conforme mencionado anteriormente, existem dois aspectos de suma importância nos livros ilustrados: a linguagem verbal e a linguagem visual. Assim sendo, para compreender a maneira como os temas são apresentados ao público, foi feita uma análise desses dois aspectos em cada um dos exemplos selecionados.

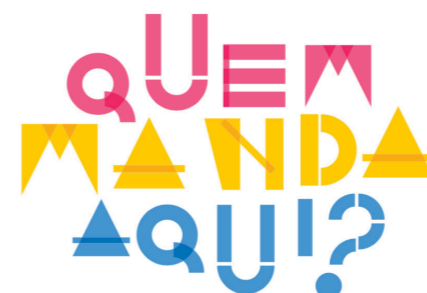


Figura 19: “As mulheres e os homens” Equipo Plantel. Compilação do autor.



Figura 20: “Greve” - Catarina Sobral. Compilação do autor.

André Rodrigues • Larissa Ribeiro • Paula Desgualdo • Pedro Markun



um livro sobre política para crianças



Figura 21: “Quem Manda Aqui” - A. Rodrigues, L. Ribeiro, P. Desgualdo, P. Markun. Compilação do autor.

## 4.1. "As mulheres e os homens"

Equipo Plantel (2017)

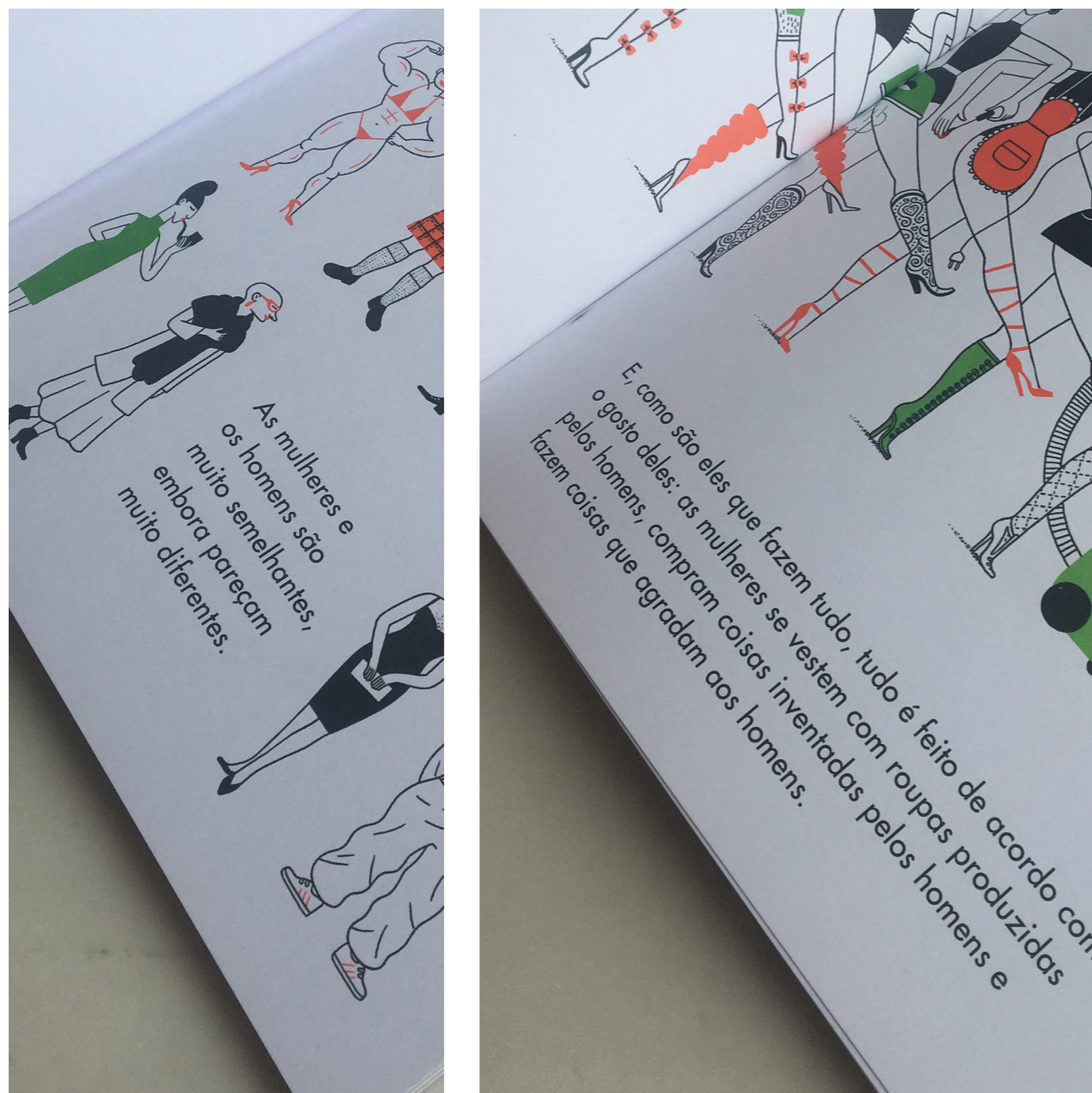
Livro escrito pela Equipe Plantel e ilustrado por Luci Gutiérrez faz parte da coleção intitulada: "Libros para mañana" (Livros para o amanhã). A primeira edição da coleção foi lançada na Espanha, em 1978, logo após a queda da ditadura de Francisco Franco, que perdurou entre 1939 e 1975. No período, o país passava por uma grande mudança política: a implementação da democracia parlamentar. A coleção foi reeditada em 2015 pela Editora Media Vaca. Foram mantidos os editoriais na íntegra e respeitaram-se textos e ilustrações originais.

Para a análise aqui apresentada, a edição brasileira publicada em 2016 pela Editora Boitatá foi a base. Nessa edição, foi acrescentada uma seção intitulada "Para saber mais", escrita pela assistente social e feminista brasileira, Mirla Cisne. Nesse texto, são contempladas percepções sobre as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres nas esferas social e cultural contemporâneas.

Ao considerar que vivemos em uma sociedade historicamente machista e desigual, pode-se julgar que as mulheres continuam a sofrer discriminação pelo simples fato de sua condição de gênero. No entanto, os homens também são bombardeados desde muito jovens com regras de comportamento que devem seguir para suprir as expectativas da sociedade. Nesse sentido, o livro selecionado se enquadra no conceito de ensino político, uma vez que foca no questionamento daquilo que nos é imposto, desde a infância, como padrão de comportamento com base no desenvolvimento das noções de respeito a pluralidade e a cidadania.



Figura 22: "As mulheres e os homens" Equipo Plantel. Compilação do autor.



## a. Análise da Linguagem Verbal

A linguagem verbal adotada no livro é simples e direta e, ao longo da narrativa, são abordadas questões de gênero que seguem, sempre, um viés de igualdade e respeito à pluralidade humana. Ao considerar a maneira pela qual a narrativa é estruturada, é possível observar que ela não dá margem para interpretações contrárias àquilo que é descrito.

No desenvolvimento do livro, são apresentados variados contextos sociais e as diferenças de tratamentos recebidos por homens e mulheres. São abordados os preconceitos enraizados em nossa sociedade relacionados às percepções sobre os gêneros. O livro funciona como uma crítica sobre a sociedade atual e como ela impõe padrões de comportamento consoantes ao gênero do cidadão.

Apesar de ser um tema complexo de ser abordado, a obra trata a questão de maneira leve e bem-humorada e evidencia a importância de se discutir a paridade de gênero e a pluralidade humana. A linguagem adotada pelos autores é simples e didática, o que facilita a compreensão do público infantil. Não existe uma história lúdica por trás da narrativa, apenas fatos que são observados constantemente no cotidiano das pessoas, o que colabora para que o público se identifique com o conteúdo apresentado.

Em relação à construção textual, a progressão da narrativa remete a um poema que compõe cada página com uma pequena estrofe. Neste livro, os textos não estão integrados nas ilustrações, isto é, acabam por ser um guia para a narrativa e, apesar constituírem a estética do livro, não apresentam características plásticas formais.

## b. Análise da Linguagem Visual

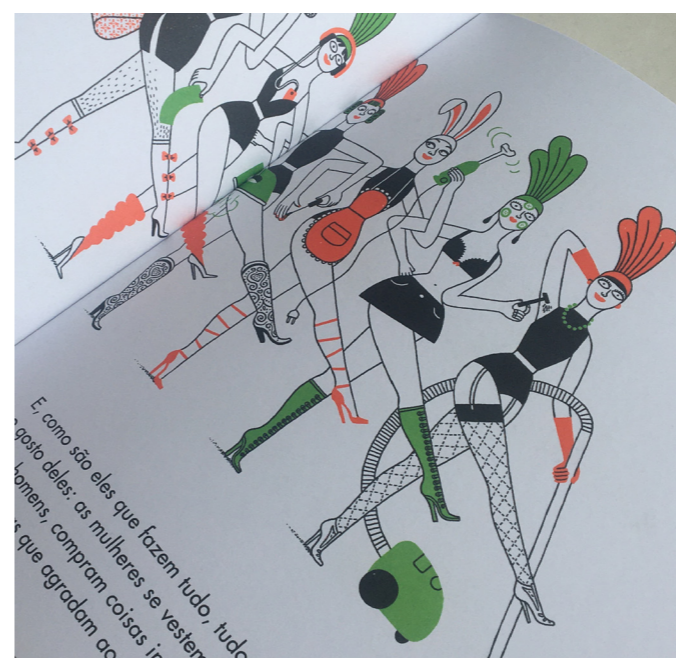
Com traços simples e limpos, as ilustrações de Luci Gutierrez seguem o mesmo padrão de linguagem estabelecido pelos textos e se comunica com o leitor de maneira clara e explícita.

De acordo com a classificação de Golden (2010), apresentada no segundo capítulo da presente dissertação, é possível indicar que nessa publicação a ilustração reforça o que é dito no texto (classificação C.). Apesar de o texto abordar as questões da diversidade humana ao longo do livro, é a partir das ilustrações que o tópico fica ainda mais explícito.

Trazendo o tema com toques de humor, ironia e bastante sutileza, Gutierrez aborda situações corriqueiras ao questionar a divisão do mundo em gêneros. A ilustradora também faz uso de diversas referências externas que, em um primeiro momento podem não ser reconhecidas pelos leitores mais novos, mas que, conforme o desenvolvimento cognitivo da criança, podem ser compreendidas ao revisitar o livro. A referências são à Adão e Eva; ao preconceito em relação ao sexo entre pessoas de um mesmo gênero; às expectativas sociais impostas em relação à aparência feminina – depilação, cuidado com a pele e o corpo.

Outro aspecto gráfico de suma relevância no contexto dessa publicação é em relação à escolha da paleta cromática. Fugindo do padrão previamente imposto pela sociedade para representar homens e mulheres, o azul e o rosa, a ilustradora toca em mais um aspecto relevante que colabora, de forma artificial, para a divisão entre homens e mulheres. A escolha

das cores laranja e verde, em contraste com traços pretos e o papel branco, pode ser considerada como um elemento questionador que se recusa a aceitar os padrões pré-estabelecidos.





### c. Conclusão

O livro da Equipo Plantel possui uma vertente política em todas as suas camadas. Da escolha das cores até as referências usadas, a publicação funciona como ferramenta de questionamento e instiga o pensamento crítico acerca da sociedade. O livro possui um aspecto cômico e provocador e aborda um tema socialmente relevante, como a relação entre os diferentes gêneros de forma amena, mas incisiva.

O uso das ilustrações é essencial para que o tema seja assimilado pelo leitor de maneira leve. Elas também são importantes para que o tom jocoso da publicação seja criado e evita que a narrativa fique densa ou, até mesmo, agressiva. O uso das ironias e do humor pode ser muito eficiente para que temas mais complexos sejam introduzidos, uma vez que geram interesse e evitam que o leitor se sinta “culpado” em relação ao que é apresentado na narrativa.

Em relação à temática do livro, ela se mostra essencial para o ensino emancipador das crianças, a partir do momento em que gera questionamentos sobre a vida real e mune o leitor com informações relevantes para o contexto social atual. Apesar de a publicação original ter sido escrita na década de 70, ainda se mantém extremamente relevante para o mundo contemporâneo.

## 4.2. "Greve"

Catarina Sobral (2011)

O livro "Greve" foi criado e ilustrado por Catarina Sobral, autora e ilustradora portuguesa. A seleção desse livro foi feita segundo critérios de prestígio, pois recebeu inúmeros prêmios no mundo todo. Originalmente lançado no mercado português em 2011, "Greve" é a primeira publicação da ilustradora/autora.

A obra revela a importância da dimensão gráfica do trabalho de Catarina, no qual colagens, desenhos a pena, bitmaps e a técnica de monotipia são utilizados. A publicação possui uma paleta de cores pequena e sóbria, imagens muito preenchidas e um humor irônico que compõe a temática valorosa do livro.

Para a análise dessa publicação, para compreensão adequada dos aspectos que constituem a narrativa, foi realizada uma entrevista com a própria criadora do livro, Catarina Sobral.

Figura 23: "Greve" - Catarina Sobral.  
Compilação do autor.

## a. Análise da Linguagem Verbal

O texto criado pela ilustradora tem como características a linguagem simples e limpa, com toques de humor que fazem o público compreender, em níveis diferentes, o que lhes é apresentado.

A obra apresenta uma história lúdica entorno da greve dos “pontos” e, ao longo do texto, ficam claros todos os tipos de “pontos” contemplados nessa greve. A autora traz diversas expressões idiomáticas e referências culturais para explicar a situação tratada no livro. São utilizadas variadas técnicas de narrativa, uma vez que a própria ilustração carrega elementos textuais. É possível observar, ao longo do livro: subtextos, intertextos, paratextos e metatextos que se infiltram, salientam, escondem-se e criam uma relação íntima entre texto e ilustração.

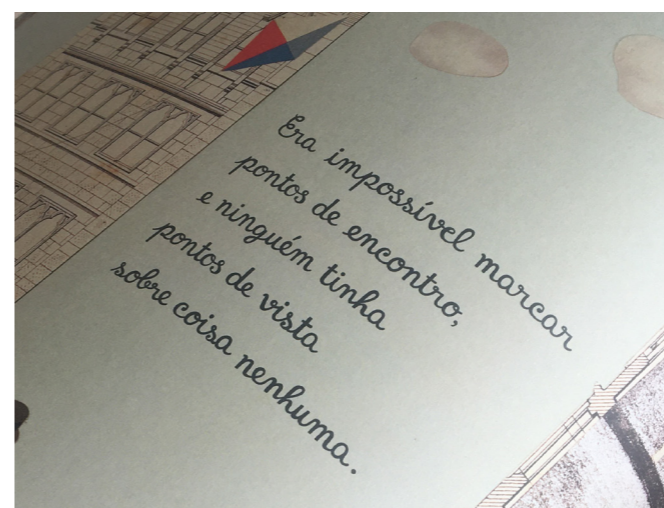
Segundo a classificação de Golden (2010), apresentada no segundo capítulo da presente dissertação, é possível indicar que, nessa publicação, o texto é esclarecido pelo uso da imagem (classificação B.). A narrativa textual é dependente da visual e precisa desse amparo para que a história seja compreendida pelo leitor.

Em se tratando de um público tão jovem, muitas das referências utilizadas pela autora podem não ser compreendidas completamente. Entretanto, segundo a própria autora, apenas pelo fato de gerar a curiosidade das crianças em relação ao tema e poder introduzi-las a um novo conceito, o livro já cumpriu seu papel social. A complexidade dessas referências gera a leitura em camadas. Essa estratégia possibilita que o livro se torne mais profundo e

interessante para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

Para Catarina Sobral, ainda que o leitor não esteja familiarizado ou desconheça as referências utilizadas, que o leitor não descubra todos os detalhes e mesmo que os anacronismos não sejam compreendidos em uma primeira leitura, pode-se revisitar o livro com o passar dos anos e compreender novos aspectos, de acordo com a evolução de seu conhecimento.

De acordo com a autora, é importante que os livros não sejam focados apenas no que a criança já conhece. Segundo ela, é essencial utilizar as publicações ilustradas para introduzir novos conceitos e ideias para que, então, a criança comece a se familiarizar com determinadas problemáticas do mundo. A autora reforça o pensamento de Fernando Pessoa – referido aqui anteriormente – de que um livro ilustrado não deveria ser desenvolvido pensando apenas no público infantil. Ele deve ser capaz de atingir a todos – crianças e adultos –, e, ao longo da leitura, cada indivíduo vai ser capaz de assimilar determinados aspectos de acordo com seus conhecimentos prévios.



## b. Análise da Linguagem Visual

No caso do livro “Greve”, a ilustração é parte fundamental para a construção da narrativa, na medida em que é por meio dela que se compreende muitas das ações que ocorrem na história. O livro possui sobreposições de elementos gráficos e de perspectivas, interação entre imagens reais e ilustrações bidimensionais e jogos constantes com o consenso: personagens de rostos alongados, ou até mesmo sem rosto, construídos em uma geometria retangular, com olhar ciclópico, são muito expressivos, ainda que fujam do padrão de ilustração realista.

Em termos de paleta cromática, o livro possui cores sóbrias e tons terrosos que, segundo a autora, buscam remeter ao imaginário das classes operárias e ao visual sindicalista. Também são introduzidas referências aos cartazes construtivistas e ao design gráfico do século passado, o que colabora para a constituição de significantes. A escolha da linguagem visual adotada é notória, a partir do momento em que está de acordo com a estética estabelecida no imaginário popular sobre o tema.

Assim como feito ao longo do texto, as ilustrações também trazem inúmeras referências externas do mundo moderno, das quais públicos mais jovens não são capazes de compreender, em um primeiro momento, mas que poderão assimilar com mais competência as mensagens subliminares com o passar dos anos. Da mesma forma que feito na parte textual, as ilustrações possuem níveis de leitura, em que cada faixa etária assimila aquilo que lhe é apropriado.

Em “Greve”, a ilustração é parte integrante da narrativa, dita o tom da história com o texto e colabora para a construção do imaginário do leitor.



### c. Conclusão

O livro assume uma vertente política e panfletaria, desde a escolha das cores até as referências usadas. Ele possui um aspecto cômico e provocador e introduz um tema socialmente relevante, como a greve, de forma leve e divertida. Segundo a própria autora Catarina Sobral (2018), “Em muitos momentos, as crianças vêm apenas a parte lúdica. Elas podem não compreender por completo a história, mas, só de introduzir um conceito novo em suas vidas, já é um início.”

Ao longo do livro, a autora trabalha com paralelismos ao usar termos e objetos que pertencem ao universo infantil para explicar um conceito complicado como a greve. Neste caso, a ilustração colabora de forma ativa para o entendimento da história.

Apesar de tratar de um assunto sério, relacionado ao dia-a-dia de todas as pessoas, por meio do livro, as crianças podem aprender sobre a greve de forma lúdica. Apoiando-se na greve dos pontos, a autora traz o tema para um ambiente já conhecido pelas crianças e as faz refletir sobre o que é a greve e quais as consequências delas.



### 4.3. "Quem manda aqui?"

André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Paula Desgualdo e Pedro Markun (2015)

O livro "Quem manda aqui?" foi criado por meio da união de ideias de André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Paula Desgualdo e Pedro Markun. Foi um dos primeiros livros no mercado editorial infantil brasileiro a tratar, de forma explícita, o tema política. A premissa dele é fornecer recursos para que as crianças pensem sobre diferentes modelos de governo e questionem as coisas como elas são e como poderiam ser.

Voltado para crianças de cinco a sete anos, o livro surgiu a partir de seis oficinas realizadas com crianças e aborda, de forma descontraída, as variadas formas de poder, sejam elas representadas por instituições oficiais, ou até mesmo pelos integrantes do cotidiano infantil, como professores e pais.

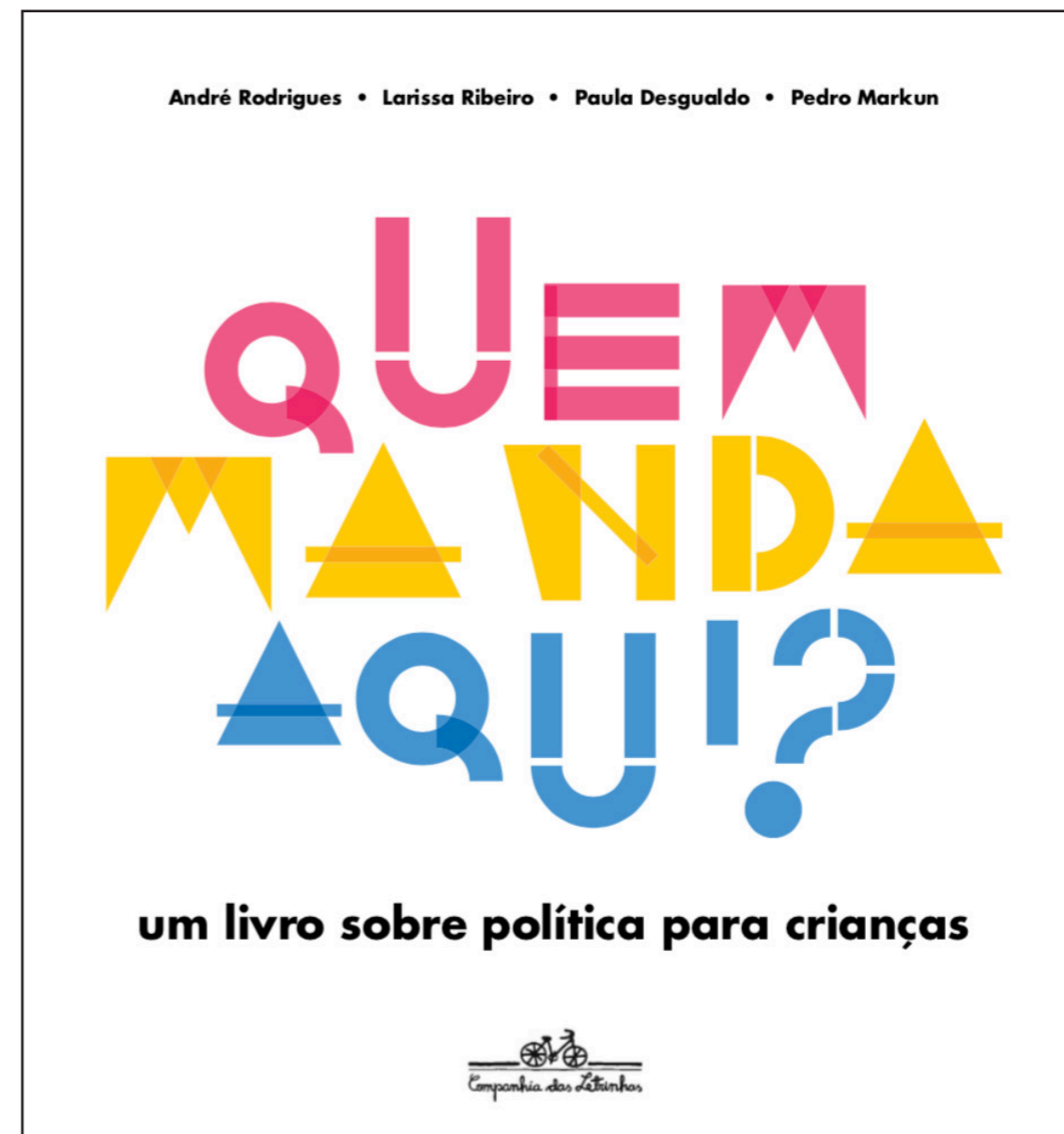


Figura 24: "Quem Manda Aqui" - A. Rodrigues, L. Ribeiro, P. Desgualdo, P. Markun. Compilação do autor.

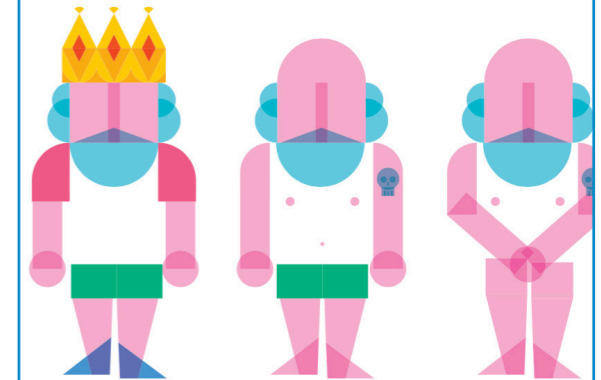
## a. Análise da Linguagem Verbal

Dentro do conceito das representações do poder nas diferentes esferas sociais, pode-se observar, ao longo do livro, seções com diversas formas de “autoridade”. Entre reis, escravidão, militarismo, democracia e variadas estruturas familiares, o livro aborda, com informalidade, as possibilidades de poder e traz para a vida da criança algumas noções sobre direitos e deveres sociais. É possível observar que a narrativa segue uma estrutura cônica, que se inicia em um ponto amplo e distante do cotidiano infantil, e converge, por fim, em realidades mais próximas como, por exemplo, a escola e sua casa.

O texto adotado nessa publicação apoia-se em termos simples e de fácil compreensão pelas crianças em fase de alfabetização, público-alvo primário do livro. São usadas expressões e interjeições do cotidiano, usadas, principalmente, na modalidade oral da língua. Neste caso, o uso desses termos coloquiais pretende identificar-se com o leitor que, ao reconhecer e se legitimar na linguagem, vê-se inserido no contexto do livro. Não existe uma história lúdica por trás da narrativa, apenas fatos históricos e culturais de nossa sociedade, apresentados de forma simples e clara.

Em termos de estrutura, o texto foi criado em forma de poema e preenche as páginas com suas estrofes, sempre coordenadas com as ilustrações referentes a cada segmento do livro. Com rimas e ritmo, o texto adotado na publicação guia o leitor pela narrativa, que segue com uma linearidade temporal para exemplificar a evolução das formas de poder. Nesse contexto, a única interação entre linguagem visual e textual ocorre pelo fato de a ilustração representar visualmente, de maneira exata, o que o texto apresenta.

Era uma vez um rei muito ruim e mandão,  
dono de qualquer desmando e decisão.  
Não foi escolhido por mim ou por você,  
nem por uni duni tê.



Ora, então era rei por quê?

As riquezas? Já sei!  
Foram levadas para um rei.



E todo mundo — que sem graça! —  
com medo de um soldado que não sabe brincar.



## b. Análise da Linguagem Visual

A linguagem visual adotada na publicação “Quem manda aqui” segue o padrão comumente adotado em publicações para o público infantil: alegre e colorido. As cores vibrantes e padrões comuns auxiliam a criação de uma atmosfera leve e descontraída, mesmo considerando a densidade do tema tratado.

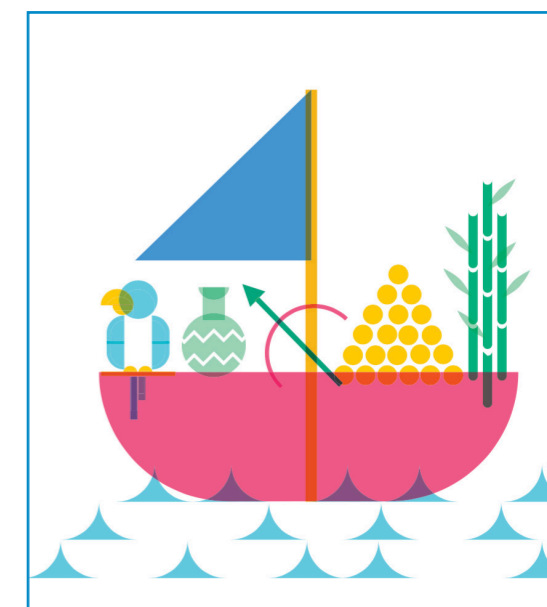
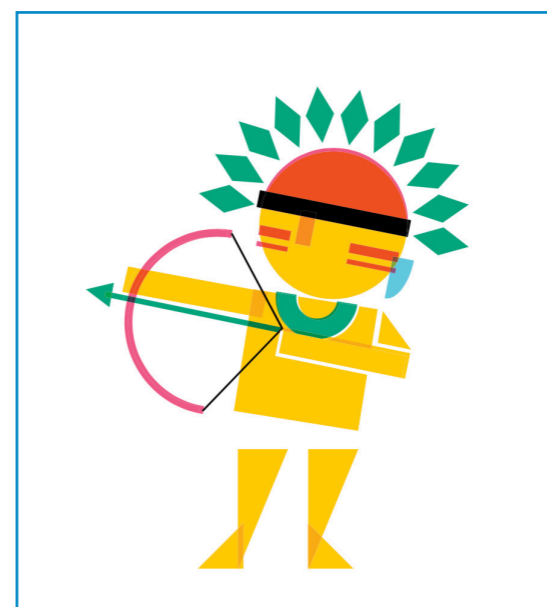
O mesmo pensamento pode ser aplicado para os personagens e ilustrações apresentados ao longo da narrativa. Constituídos sempre por formas geométricas básicas e figuras estáticas, também são elementos característicos da estética do livro e seguem um estilo de ilustração típico da era digital.

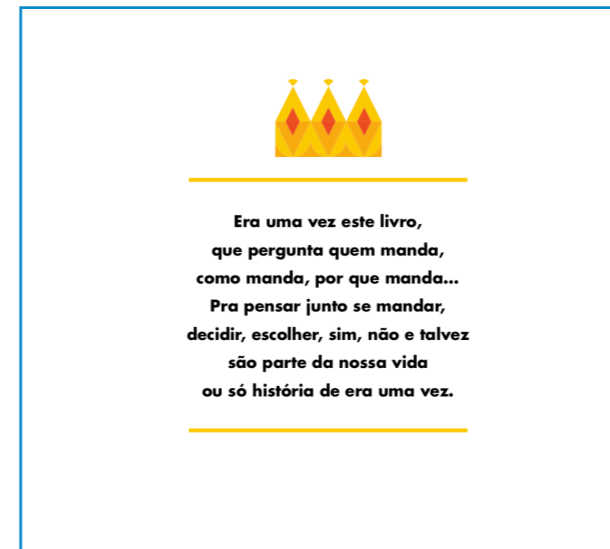
Esse padrão visual adotado permite uma rápida identificação com o público mais jovem, acostumado com a linguagem digital dos computadores e de videogames, além de permitir que ele assimile, imediatamente, o que é dito no texto.

Em termos da constituição das representações gráficas de composição, é possível observar o uso do negativo como elemento chave para a composição das formas. O branco do papel passa a ser parte integrante das ilustrações e colabora de forma ativa para a estética do editorial.

Em relação à estética da linguagem textual adotada, não existe plasticidade. Os textos aparecem dissociados das imagens. De acordo com a classificação de Golden (2010), em “Quem manda aqui?”, o texto e as imagens são simétricos (classificação A.). Cria-se, assim, uma redundância de ideias,

pois ambos perpassam pelo mesmo discurso. Nesse caso, a ilustração serve apenas como um elemento gráfico que reforça o que o é dito no texto.





uro Ilustrado como Meio para o Ensino Político

### c. Conclusão

Ao considerar que o livro “Quem manda aqui?” introduz ao público um tema considerado tabu para o público infantil, é possível enquadrá-lo no campo do ensino político. Entretanto, em muitos momentos, a construção da narrativa não estimula diferentes interpretações nem o pensamento crítico; apenas apresenta padrões já estabelecidos na sociedade.

Assim, em termos da interação entre linguagem verbal e visual, o livro não cria contrapontos, ou seja, não existem lacunas para interpretação. As ilustrações se tornam demasiadamente óbvias e constituem o leitor apenas como um agente passivo da narrativa.

No entanto, cabem alguns questionamentos acerca dessa característica do livro: será que, em se tratando de um tema tão sensível como autoridade e poder, é apropriado permitir que múltiplas interpretações sejam feitas e permitir que o público possa seguir um caminho socialmente perigoso, por exemplo? Será que, nesse caso específico, é preciso demonstrar apenas os males de

determinadas formas de governo com intuito de evitá-las, permanentemente?

Neste caso, é possível levantar algumas suposições acerca da construção da narrativa verbal e visual desse livro. A opção pelo uso de uma paleta de cores vibrante e pelo uso de ilustrações mais óbvias seja exatamente por conta de o tema ser demasiadamente controverso. Seguindo essa estética, pode-se evitar um grande choque por parte do leitor e, assim, aproximá-lo da narrativa.

No caso dos livros infantis, eles são habitualmente introduzidos às crianças pelos pais, em linhas gerais, em ambiente doméstico. Portanto, este livro, em particular, opta por uma via mais apaziguadora em relação ao tema para que continue sendo adotado como possibilidade na educação da criança. O fato é que o tema abordado pelos autores já é extremamente relevante e, independente da maneira como é tratado na publicação, pode ser uma boa forma de introduzir ao público noções de ética e cidadania.

# PARTE 5



## 5. "POLÍTICA PRA QUE?"

## 5.1. Metodologia Projetual

Após estabelecer toda a base teórica acerca do ensino político e como ele é apresentado nos livros ilustrados, inicia-se, agora, o desenvolvimento do trabalho prático.

Por meio de uma metodologia intervencionista, os conceitos analisados ao longo dos ensaios teóricos foram colocados em prática. Foi desenvolvido, portanto, um livro ilustrado, que levanta questões sobre a importância da política no dia-a-dia das pessoas, voltado para o público infantil.

A análise de livros ilustrados que abordam temas relacionados ao ensino político feita na terceira parte da dissertação, foi de suma importância para compreender as diferentes maneiras de interpelar tais assuntos. Assim, tornou-se possível tomar decisões estratégicas sobre o design e narrativa do projeto editorial desenvolvido.

## 5.2. O Projeto Editorial

Com base nas análises de referências de caso, foi possível observar que, apesar de não existir um padrão de linguagem verbal e visual para abordar certos temas para as crianças, é necessário adequar as linguagens para a compreensão do público.

No entanto, em se tratando do universo dos livros ilustrados, existe uma ampla gama de possibilidades. Da mesma forma, foi possível observar que cada autor apresenta seu ponto de vista e segue suas próprias referências culturais.

Com este cenário, o projeto editorial aqui desenvolvido também tem um caráter pessoal, no qual foram explorados conceitos suportados por uma linguagem visual que estabelece uma conexão direta com o tema.

O nome do livro é: “Política pra quê?”. O título foi criado pelo fato de existir um grande preconceito sobre o que de fato é a política. A questão é que poucas pessoas sabem realmente explicar o conceito de política e qual sua importância nas relações humanas. Portanto, do ponto de vista social, torna-se um tema relevante para apresentar às crianças, desde cedo.

### 5.2.1. Ponto de Partida

Antes de iniciar o desenvolvimento do projeto gráfico, fez-se necessário levar alguns pontos em consideração:

**1.** Em se tratando de um projeto voltado para o público infantil - crianças de 6 a 8 anos de idade -, foi importante considerar que os adultos também são consumidores do produto final. Isso ocorre uma vez que parte deles a decisão de adquirir, ou não, determinado produto. Esse tópico se mostra de suma importância também pelo fato de ser necessário evitar a infantilização demasiada do conteúdo do livro. Também foi importante considerar os adultos como público consumidor, pois eles são, em muitos momentos, mediadores da leitura. São eles que transmitem a narrativa para as crianças por meio de leitura guiada. Uma das maneiras de evitar a infantilização do conteúdo foi de buscar a criação de uma obra editorial que trabalhe o conceito de leitura em camadas, conforme defendido por André Letria, ao longo da fundamentação teórica. Dessa maneira, foi possível atingir públicos de diferentes faixas etárias.

**2.** Antes do desenvolvimento do projeto gráfico, foi feito um levantamento acerca das temáticas pouco abordadas no mercado editorial brasileiro. Assim, foi definido o tema a ser tratado: “a política na vida em sociedade”.

A base conceitual em relação ao que é política e qual sua importância para o desenvolvimento da sociedade foi baseado na definição de Hannah Arendt (2002), outrora introduzida na presente dissertação. Retomando seu pensamento, Arendt defende que política é qualquer coisa que surge da relação das pessoas e está diretamente associada às diferenças. Assim, é possível defender que a política é o que dá sustentação à convivência e a própria vida coletiva. Vale ressaltar que a escolha do tema não ocorre somente por conta de uma defasagem de mercado. Falar de política para crianças se mostra extremamente importante, a partir do momento em que, conforme defendido ao longo da dissertação, os valores éticos são essenciais para a vida coletiva. As crianças devem ser ensinadas, desde cedo, sobre seus direitos e deveres como cidadãos, perante o ambiente no qual estão inseridas.

**3.** O terceiro aspecto a ser considerado antes do desenvolvimento do livro está relacionado às especificações de design pré-estabelecidas e que são sustentadas pelos estudos teóricos e de referências de caso.

**a.** A linguagem verbal adotada é simples e direta. Ao longo da construção da narrativa são utilizadas metáforas com intuito de evidenciar um conceito tão orgânico e intangível.

**b.** Ao considerar que o tema política é comumente associado a algo “denso”, chato e não apropriado para crianças, a opção foi utilizar uma paleta de cores vibrante e alegre para trazer leveza ao projeto editorial.

**c.** Ao longo dos estudos teóricos, ficou evidente que a política faz parte do cotidiano de todos. Sendo assim, a escolha tipográfica foi feita com intenção de sustentar a ideia de que a política é algo que pertence ao cotidiano.

**d.** A opção por trabalhar com uma estética orgânica, pouco óbvia e sem compromisso com a realidade foi baseada, principalmente, nos pensamentos de Battelheim e Ranciere.

Conforme mencionado no segundo capítulo da presente dissertação, Battelheim defende que: *“deixar que alguém determine nossa imaginação em relação a uma narrativa por meio de ilustrações literais, pode ser prejudicial para o desenvolvimento da criatividade da criança”*. Em relação ao ponto defendido por Ranciere e citado ao longo da fundamentação teórica, o filósofo afirma que a obviedade das obras apenas infantiliza o espectador e não fomenta o pensamento crítico.

Logo, mostra-se necessário evitar o “lugar comum” e adotar uma estética que não siga padrões já conhecidos. É importante, então, que tanto as ilustrações quanto o próprio objeto livro, enquanto manifestação política, estimule o pensamento e não seja ancorado na obviedade. A ideia é abusar do uso de contrapontos para que o leitor possa interpretar a obra de acordo com sua base de referências e, ao mesmo tempo, buscar novos conceitos que complementem aquilo que já sabe.

## 5.2.2. O processo de Criação

1. Moodboard: Antes de adentrar ao processo de criação optei por criar um moodboard com intuito de organizar as ideias e estabelecer o caminho visual a ser trilhado. Nesse contexto, o objetivo principal para a criação do moodboard foi favorecer a visualização da ideia e ilustrar o “tom” que o projeto deveria seguir.



2. Criação da narrativa verbal: o segundo passo para o desenvolvimento do projeto foi buscar referências textuais, para então, criar o texto do livro.

### Narrativa:

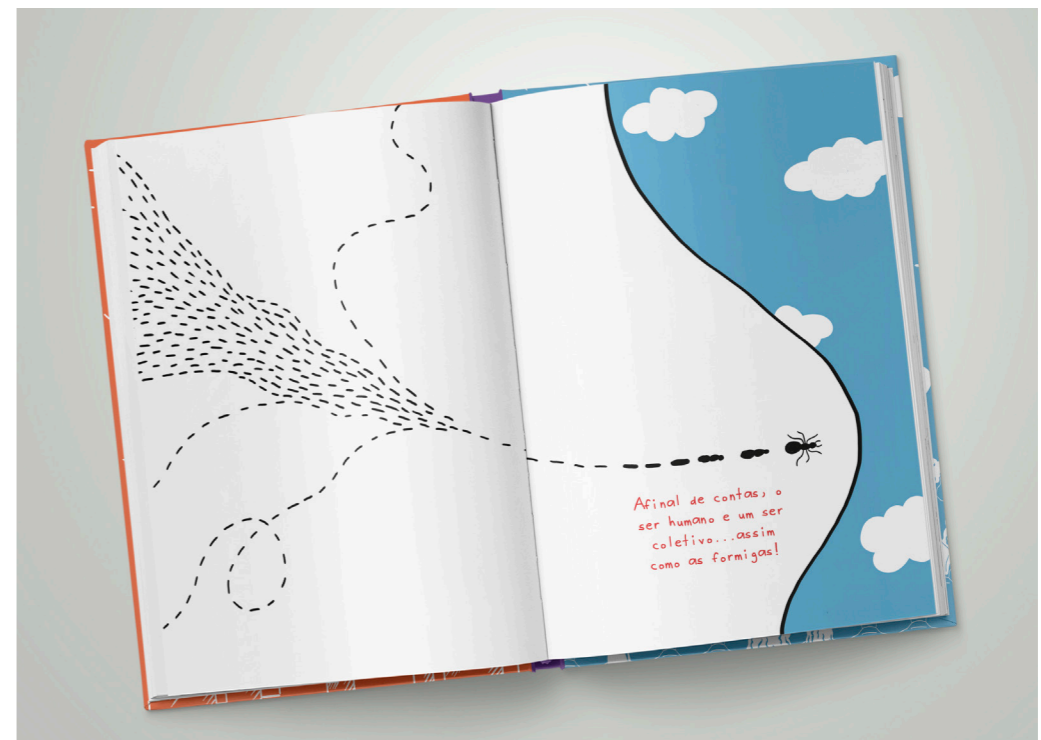
- Pag 1 e 2: *Muita gente fala mal da política...que ela só atrapalha e que é coisa de gente chata...mas o que é política mesmo?*
- Pag 3 e 4: *Ninguém sabe explicar muito bem...mas a verdade é uma só...ela está em todos os lugares, até onde nós menos esperamos...*
- Pag 5 e 6: *a política é o que conecta as pessoas...principalmente aqueles que são diferentes...*
- Pag 7 e 8: *.....*
- Pag 9 e 10: *ela é o caminho que permite que o mundo se transforme e evolua*
- Pag 11 e 12: *ela torna o diálogo possível...e dá voz para todos...*
- Pag 13 e 14: *E faz parte da vida de todo mundo...dos adultos as crianças...*
- Pag 15 e 16: *Desde a maneira com que tratamos os outros / até as nossas escolhas diárias, tudo passa pela política..*
- Pag 17 e 18: *Ela faz pessoas que não concordam em nada viverem no mesmo lugar se respeitando. Por isso ela é tão importante...*
- Pag 19 e 20: *Porque em um mundo sem a política não existe conversa, nem acordo...só o caos.*
- Pag 21 e 22: *Afinal de contas o ser humano é um ser coletivo, assim como as formigas.*

3. Criação da narrativa visual através de ilustrações criadas por meio de técnicas mistas: manual e digital.

4. Diagramação do livro para integrar linguagem verbal e visual.

5. Revisão e impressão

### 5.3. "Política pra que?"



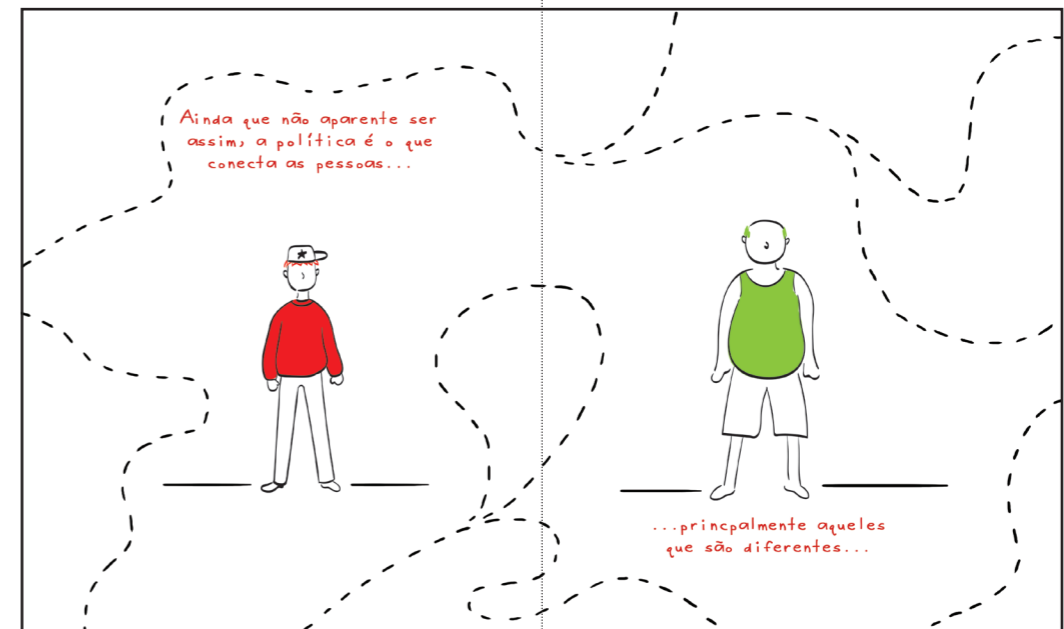
### 5.3. "Política pra que?"



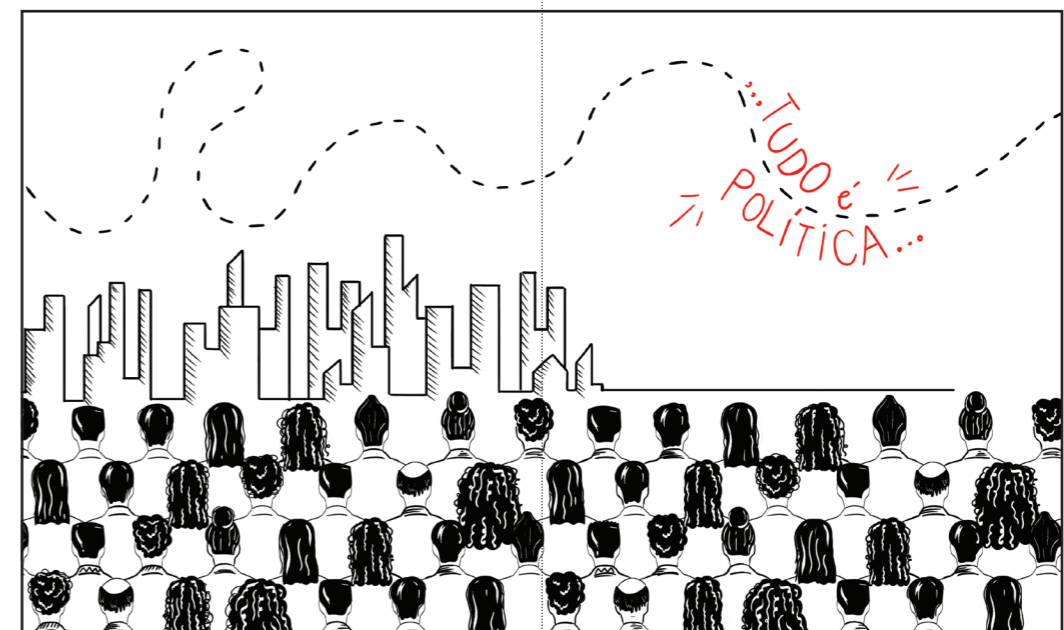
pg. 1 e 2



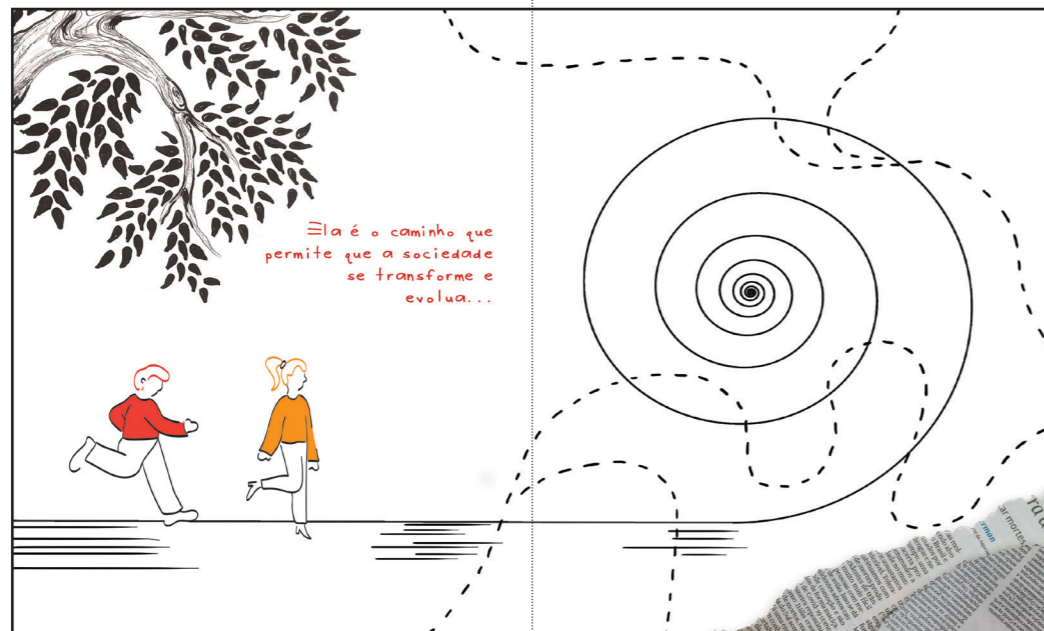
pg. 3 e 4



pg. 5 e 6



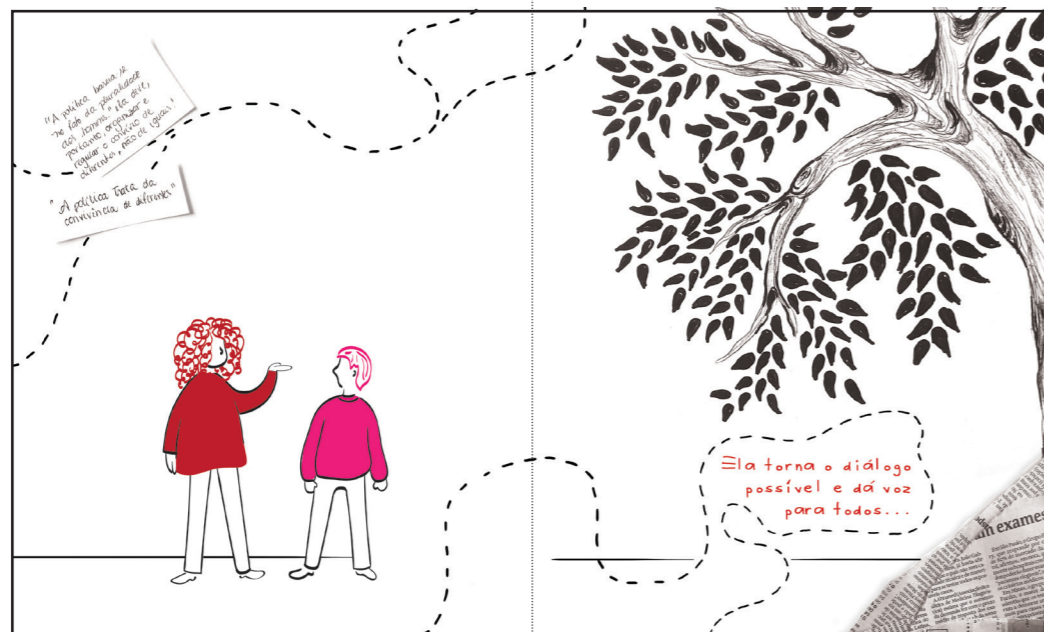
pg. 7 e 8



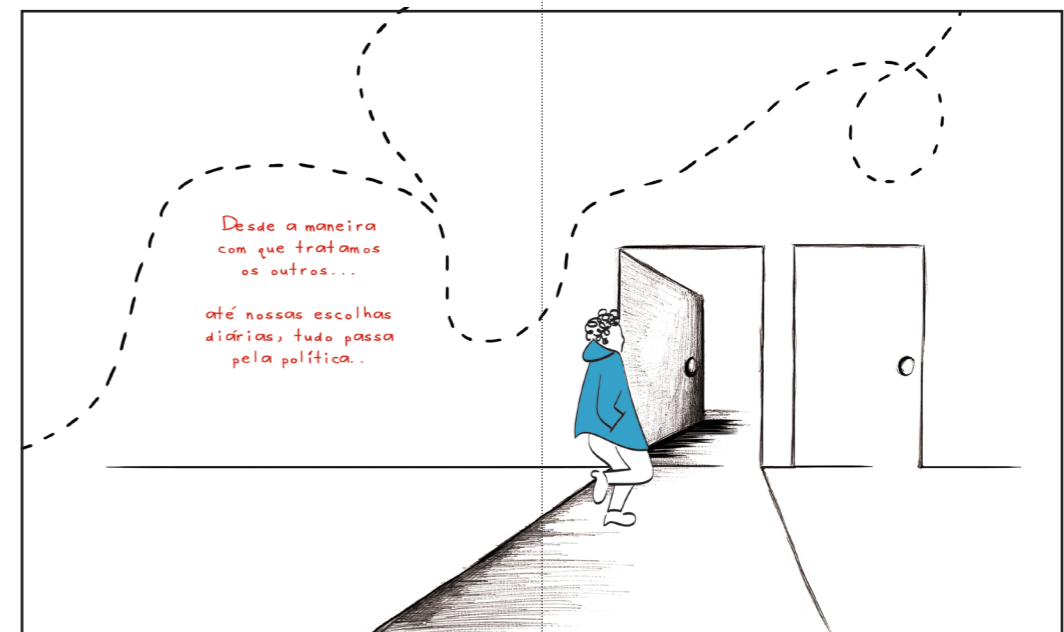
pg. 9 e 10



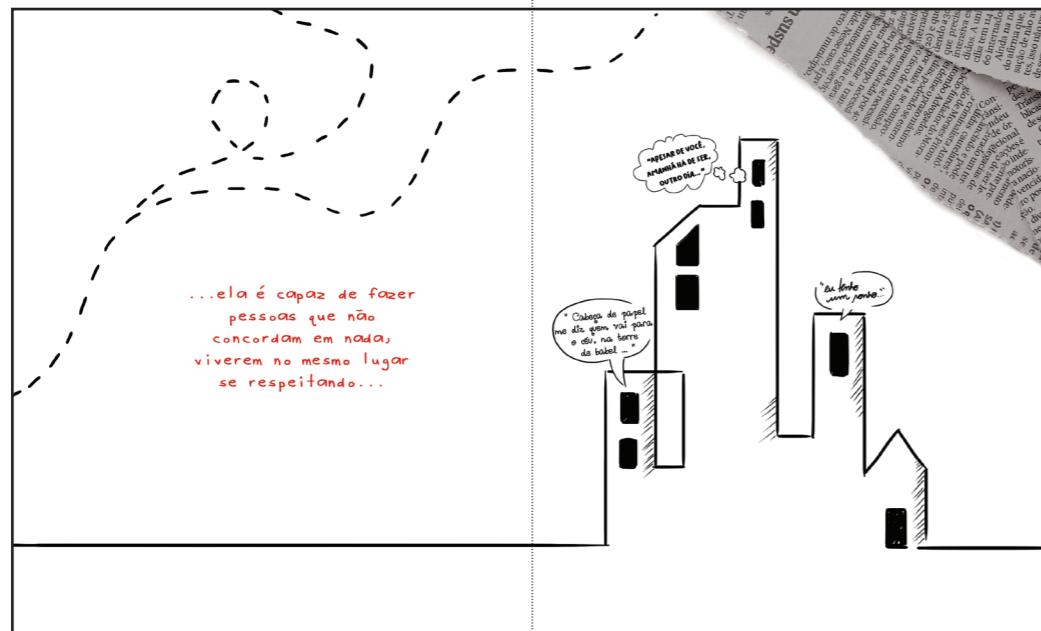
pg. 13 e 14



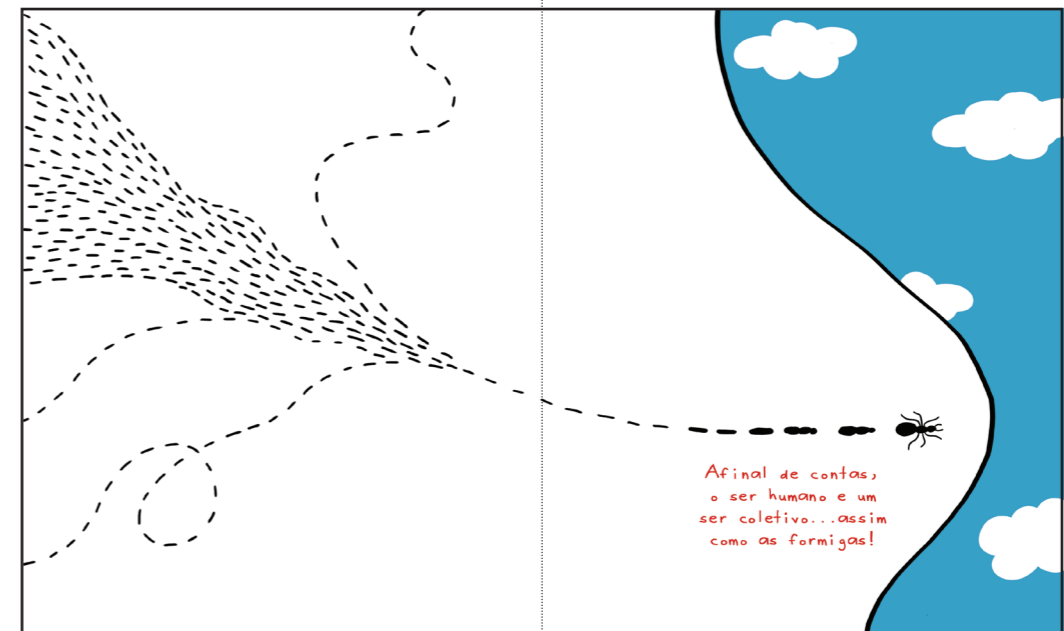
pg. 11 e 12



pg. 15 e 16



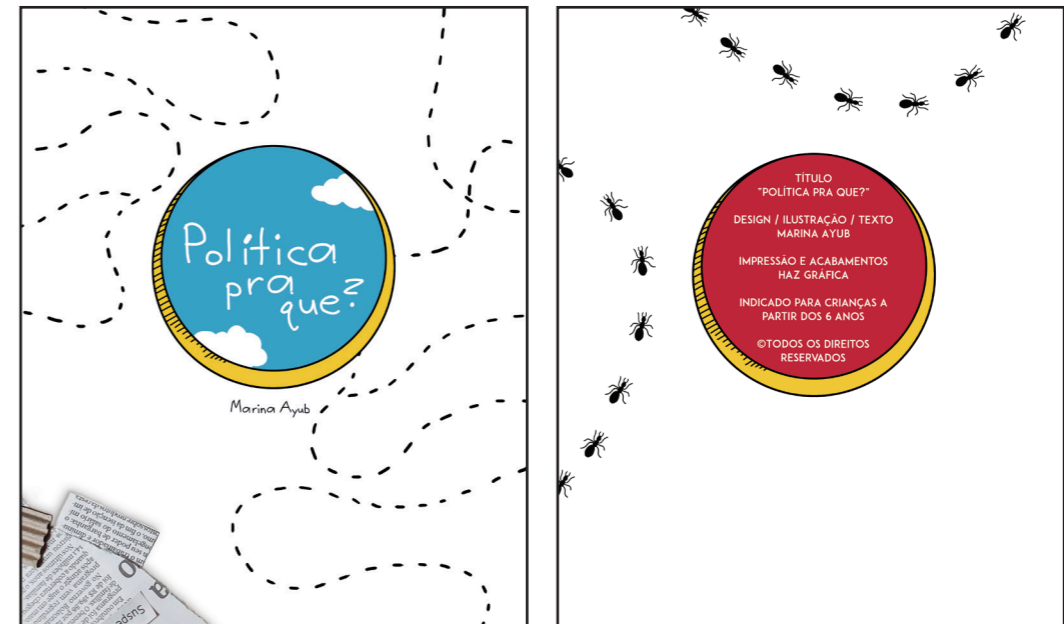
pg. 17 e 18



pg. 21 e 22



pg. 19 e 20



página de rosto e última página

## 5.4. Reflexões e Conclusões

O projeto prático desenvolvido mostra-se pertinente para o contexto da dissertação uma vez em que são aplicados conceitos observados ao longo dos estudos teóricos, além de extrapolar o “lugar comum” dos livros ilustrados, conforme os objetivos traçados neste projeto de pesquisa.

A ausência de expressão dos personagens e traço simplificado não permite que o leitor estabeleça o gênero e faixa etária de cada um, sustentando a ideia de que política é para todos.

As diversas camadas de leitura da obra deixam claro que, apesar de ser um livro voltado para o público infantil, diversas referências só poderão ser compreendidas por aqueles que já possuem uma bagagem cultural mais robusta.

Seguindo a terminologia comumente utilizada no cinema, ao longo de toda a obra, foram dispostos diversos “easter eggs”: uma caverna com dois personagens dentro vendo suas sombras é referência direta ao “Mito da Caverna” de Platão, presente em sua obra “a República”. ; músicas com referências políticas de autores como Chico Buarque e Baiana System; pedaços de jornais com notícias da atualidade; fragmentos dos pensamentos de Hannah Arendt; e até mesmo a referência ao discurso de Martin L. King. Todos os itens foram cuidadosamente posicionados para que o leitor possa descobrir, aos poucos, todas as referências.

Em se tratando da narrativa visual, o traçado pontilhado que passeia ao longo de todo o livro não é, em momento

nenhum, explicado e pode parecer alheio a narrativa. Entretanto, apenas na última página, é possível compreender de que se trata de uma fila de formigas, em uma direta comparação com os seres humanos.

O intuito é evidenciar que a sociedade funciona melhor quando todos trabalham em prol do coletivo e, para tal, a política é sine qua non.





## 6. CONCLUSÃO

**"Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor."  
(Freire, 2005)**

## 6. Conclusão

A presente investigação foi desenvolvida com a intenção de atingir os objetivos pré-estabelecidos: compreender a relevância do ensino político para a construção da sociedade; perceber como os livros infantis podem ser um importante meio para tal; e observar os métodos já utilizados no mercado editorial para apresentar ao público-alvo temáticas relacionadas ao ensino político.

O processo de desenvolvimento de todo o projeto revelou ser muito mais do que apenas uma análise de fatos e referência de conteúdo. A dissertação foi uma ação de compreensão e descoberta que se mostrou muito rica e esclarecedora em diversos aspectos. Em se tratando do projeto prático, a experimentação também foi essencial para o processo de desenvolvimento que resultou em um produto final coerente com o que foi defendido ao longo da fundamentação teórica.

Seguindo a metodologia adotada, a estrutura do enquadramento teórico foi traçada visando responder às questões relativas à relevância do ensino político para as crianças e como determinados temas são apresentados a elas por meio de livros ilustrados.

Em relação às referências de caso selecionadas, suas análises foram essenciais para a conclusão da presente dissertação uma vez que, ao observar diferentes estruturas de editoriais com as mais variadas abordagens, pode-se concluir que não existe uma fórmula-chave para introduzir temas complexos ao público infantil.

O alicerce da investigação possibilita que se tenha uma noção clara da relevância do livro ilustrado para o ensino político, a partir da ideia de que ele pode ser um meio lúdico que fomenta a criatividade, ao mesmo tempo que nos faz parar para refletir acerca do que é dito. Para isso, foi importante observar que o casamento entre linguagem verbal e visual é essencial para a compreensão plena da narrativa em um livro ilustrado. Paralelamente, é importante salientar que não se deve subestimar o público. Ele deve ser, sempre, considerado como capaz de compreender, absorver e refletir todo tipo de conceito que lhe é apresentado.

Em relação ao projeto prático, seu desenvolvimento resulta do interesse por ilustração e editoriais infantis. O objeto final é um livro infantil ilustrado, composto pela materialização da investigação que integra variadas práticas observadas ao longo das teorias expostas. Vale ressaltar, ainda, que o designer possui papel-chave no processo de formação do leitor pois pode, por meio da criação de um projeto editorial coerente e alinhado com as necessidades do público-alvo, incentivar a leitura, o interesse pelos livros e ensinar conceitos mais complexos. Dessa forma, ele cumpre seu papel social.

Os livros selecionados para os estudos de referência de caso permitiram observar a profundidade dos meios de se narrar sobre determinados temas e evidenciaram que é possível tratar de todos os assuntos com as crianças.

A questão fulcral é o fato de que a multiplicidade de formas de abordagem é absolutamente válida, e os métodos irão variar apenas consoante ao autor e seu estilo de

narrativa - verbal e visual. Não existe, assim, uma relação de superioridade e inferioridade entre eles.

O fato é que o entendimento do público sobre determinada obra varia de acordo com seu desenvolvimento cognitivo e sua bagagem de referências culturais, chamada de conhecimento prévio. Nesta perspectiva, ao perceber que não existem limites de linguagem para o desenvolvimento de um livro ilustrado, o processo de criação torna-se mais desprendido e livre ao considerar que sempre haverá público para ele.

## 6.1. Recomendações para Futuras Investigações

A realização desta investigação foi fundamental para a reflexão teórica e prática em uma área até então pouco explorada. A dissertação e o projeto do livro criaram uma base sólida de conhecimento acerca do ensino político, bem como um entendimento sobre a relevância dos livros ilustrados para esse processo.

Por essa razão, em investigações futuras, é possível aprofundar-se mais no tema e buscar compreender como o público percebe esses editoriais sob uma ótica de consumidor.

Por que o mercado “mainstream” continua aplicando a mesma fórmula para editoriais infantis? Por que os livros com temáticas políticas não estão tão evidentes nos meios de comunicação?

Espera-se que essa investigação sirva como ponto de partida para outros projetos, que, assim como este, almejam compreender a importância de abordar temas espinhosos e pouco populares e, ao mesmo tempo, enalteçam as práticas do design para colocar o designer em um papel de destaque para a construção de sociedades mais igualitárias e justas.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apple, M., Nóvoa, A. (2005) Paulo Freire: Política e Pedagogia. Porto: Porto Editora.

Araújo, H. C., Clough, N., Macedo, E. (2014). Ser “sujeito inteiro” em educação. In E., Macedo (Coord.) Fazer Educação, Fazer Política: Linguagem, Resistência e Ação. (Chap 02, pp. 79 - 92). Porto: Legis Editora.

Arendt, H. (2002) O que é política. (3ª ed.) (R. Guarany, trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Obra original publicada em 1993).

Ariès, P. (1986) História social da criança e da família. (2ª ed.) (D. Flaksman, trad.) Rio de Janeiro: Editora Guanabara. (Obra original publicada em 1975).

Azevedo, F. (2006). Literatura infantil e leitores. Braga: Edição Universidade do Minho.

Bettelheim, B. (2011) A Psicanálise dos Contos de Fadas. (26ª ed.) (A. Caetano, trad.) São Paulo: Editora Paz e Terra. (Obra original publicada em 1974).

Brzezinski, I; Santos, C. A. (2015) Sentido e significados da política: ação e liberdade. Brasília: LiberLivro.

Cademartori, L. (1987). O que é Literatura Infantil. (4ª ed.) São Paulo: Editora Brasiliense.

Cadwell, C., Zappaterra, Y. (2014) Editorial Design: Digital and Print. Londres: Laurence King.

Candau, V. M. et al. (1999) Oficinas pedagógicas de direitos humanos. (3ª ed.) Petrópolis: Vozes

Cantarelli, A. P. (2006). Literatura Infantil: Instrumento educacional. Consultado em 09 dez. 2018. Disponível em <https://docplayer.com.br/7494321-Literatura-infantil-instrumento-educacional.html>

Colliot-Thélène, C. (1999, junho 20). O conceito de política posto à prova pela mundialização. Revista de Sociologia e Política n° 12.

Cortella, M. S. (2015). Educação, convivência e ética: audácia e esperança! São Paulo: Editora Cortez.

Cortella, M. S. (2009) Qual é a tua obra? Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes.

Debord, G. (2017). A sociedade do Espetáculo. (E. dos Santos, trad.). Rio de Janeiro: Contraponto. (Obra original publicada em 1992).

Desgualdo, P.; Markun, P.; Ribeiro, L.; Rodrigues, A. (2015) Quem manda aqui: um livro sobre política para crianças. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Equipo Plantel (2005) As mulheres e os homens. (2ª Ed.) (T. Burani, trad.) São Paulo: Editora Boitatá. (Obra original publicada em 1977).

Flavell, J.; Miller, P.; Miller, S.; Dorneles, B. (1999). Desenvolvimento Cognitivo. (3ª ed.) Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.

Freire, P. (1989) *A Importância do Ato de Ler*. (23ª ed.) Rio de Janeiro: Cortez Editora.

Freire, P. (2013) *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda.

Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2001) *Política e Educação*. (5ª ed.) Rio de Janeiro: Cortez Editora

Golden, J. M. (1990). *The Narrative Symbol in Childhood Literature: Exploration in the Construction of Text*. Berlin: Mouton.

Linden, S. V. der (2011). *Para Ler o Livro Ilustrado*. (D. de Bruchard, trad.). São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 2011).

Locke, J. (1999) *Ensaio acerca do entendimento humano*. (A. Aiex, trad.) São Paulo: Nova Cultural.

Menezes, I. (2014). *Fazer política por outros meios?* In E., Macedo (Coord.) *Fazer Educação, Fazer Política: Linguagem, Resistência e Ação*. (Chap 01, pp. 19 - 36). Porto: Legis Editora.

Munari, B. (2010) *Das coisas nascem coisas* (3ª ed.) (J. M. de Vasconcelos, trad.). Lisboa: Edições 70, LDA. (Obra original publicada em 1981).

Murata, D. (2016) *O arendtianismo relutante no pensamento de Jacques Rancière*. Consultado em 06 dez. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2016.113339>

Nikolajeva, M., Scott, C. (2011) *Livro Ilustrado. Palavras e Imagens*. São Paulo: Cosac Naify.

Passmore, J. (1995) *O conceito de ensino*. (O. Pombo, trad.) London: Duckworth (Obra original publicada em 1980).

Powers, A. (2008) *Era uma vez uma capa: História ilustrada da literatura infantil*. (o. Nunes, trad.) São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 2008).

Ranciere, J. (2012) *O espectador emancipado* (1ª Ed.) (I. C. Benedetti, trad.) São Paulo: WWF Martins Fontes.

Rancière, J. (1996) *O desentendimento: política e filosofia*. (A. Leite Lopes, trad.) São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1995).

Sarmiento, M. J., Fernandes, N. Tomás, C. (2007) “Políticas públicas e participação infantil”. Consultado em 12 jan. 2019. Disponível em <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/ManuelJacintoSarmiento.pdf>

Silva, A. M. da (2004). *O conto de fada e a problemática do pertencimento social*. In: *Revista Espaço Acadêmico*, ano IV, nº 39

Sobral, C. (2011) Greve. Lisboa: Orfeu Negro.

Sousa, A. B. (2002). Educação em Valores. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Zimmermann, A. (2008) As ilustrações de livros infantis: o ilustrador, a criança e a cultura. (Dissertação de Mestrado não editada, Programa de Pós Graduação em Artes Visuais) Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.



## 8. ANEXOS

## 8.1. Guião de Entrevista

### André Letria - Pato Lógico

1. Você acredita que exista alguma tendência por parte das editoras tradicionais em evitar alguns assuntos mais polêmicos?

Sim, as editoras tradicionais têm muitos interesses por trás. A maior preocupação deles é sempre a econômica/comercial. Falta esse tipo de tema no mercado. Livros com temáticas políticas muitas vezes causam choque, e não necessariamente geram tanto lucro. Porém, é importante abordar determinados temas visando a educação do público leitor independente de questões financeiras.

A questão é que a indústria está formatada para receber e publicar os projetos convencionais. Entretanto, nos últimos 15/20 anos houve, em Portugal, uma mudança de panorâma com a ascensão de editoras independentes.

2. Na sua opinião, qual a importância de abordar temas mais “sérios” para as crianças?

Um dos pontos mais importantes é considerar que os livros podem ser uma ferramenta para a construção da sociedade futura. Eles tem o poder que colaborar para a formação dos jovens.

É preciso considerar o público como sendo capaz de absorver todo o tipo de temática e não subestimá-lo. Não se pode ter medo de falar sobre certos temas com receio da receptividade do público.

3. Qual a interferência que as editoras tradicionais têm em relação ao que o público consome?

Livros com viés político muitas vezes causam discussão e choque, o que seria importante para a evolução da sociedade. É importante discutir as coisas antes que elas aconteçam e não depois que o mal já foi feito.

Em relação ao livro “Guerra”, por exemplo, existiu um contratempo em um prêmio de ilustração na China. O livro também foi recusado por outras editoras por ser considerado muito “escuro” e “não comercial”.

Uma editora norte americana o recusou pois: “o mundo está muito conturbado e atualmente as pessoas querem consumir coisas mais alegres e coloridas”. O que na realidade não deveria ser assim. Não podemos fingir que as coisas não estão acontecendo. Os livros muitas vezes vem para alertar sobre os perigos de determinadas ações por meio das histórias ali contadas.

Isso acaba por ser uma questão importante, a partir do momento em que são essas editoras maiores que controlam o conteúdo que a população vai ter acesso.

4. Existem diferentes maneiras de abordar temas mais complexos para as crianças. Tem alguns livros que são mais poéticos, outros mais diretos e alguns com estilo pedagógico. Você acredita que existe algum mais eficiente? Tem algum retorno em relação a isso?

São características mais relacionadas com estilo de cada autor. Entretanto não existe uma forma que seja melhor do que outra...A opção por uma estética mais artística ou

não, não faz diferença, pois é uma questão de linguagem e estilo de cada autor.

Tudo depende da forma como a história é mediada. Até mesmo livros com temas “comuns” podem ser utilizados para o ensino político como por exemplo o Livro da Pato Lógico “A nuvem”.

É preciso também que a obra deixe lacunas, para que o leitor se sinta obrigado a pensar e preencher essas lacunas.

5. No momento do desenvolvimento de um livro, qual a importância que você dá ao público final?

Não muita...é preciso pensar neles, mas não somente neles...

Por ser uma editora independente, acredito que tenho mais liberdade para tratar o que entendo ser correto. Os livros devem ser lidos por todos, independente de faixa etária – eles devem cruzar as gerações (ex: o Mar). Cada público tem acesso a uma camada da informação (primeiro as ilustrações, depois palavras chave, e por fim os textos completos). Esse tipo de leitura chama-se leitura em camadas e permite que o livro seja interessante para todas as faixas etárias.

Assim, não faz sentido limitar os livros por faixa etária, é importante que eles funcionem para todos os públicos.

Não podemos nos retrair no momento do desenvolvimento dos livros de forma a pensar que o leitor não é capacitado a ler determinados assuntos.

O público não pode nunca ser subestimado.

## Carla Oliveira - Orfeu e Orfeu Mini

1. Na sua opinião, qual a importância de abordar temas mais “sérios” para as crianças?

No caso do trabalho da Orfeu Mini, há valores que são essenciais para mim e há valores que são veiculados em nossos livros em geral que precisamente não tem esse posicionamento tão direto em relação ao ensino político, porém trazem textos que falam de formas de estar e pensar diferentes do padrão. E então a editora tem uma posição que é política mais também é social.

Não queremos perpetuar estas histórias das princesas e dos príncipes. E aí que eu evito trabalhar com as histórias tradicionais que são sempre muito morais e moralistas. Não queremos histórias que reforcem o ideias como: “tens que ir a missa”; ou traga expressões como “ai meu Deus”.

A ideia é que os livros infantis devem trazer a surpresa, novos conceitos e realidades e não representações que sejam um espelho da sociedade.

2. Existem diferentes maneiras de abordar temas mais complexos para as crianças. Tem alguns livros que são mais poéticos, outros mais diretos e alguns com estilo pedagógico. Você acredita que existe algum mais eficiente e termo de comunicação com o público?

No nosso primeiro livro (“O livro Inclinado - Peter Newell), tens o livro enquanto objeto que já faz as pessoas terem uma relação diferente com ele. E ele trás uma relação nova entre forma e conteúdo. Há humor, há poesia e há

um artista que é pioneiro. Que é alguém que rompe com a tradição do que são os livros para criança no início do séc. XX. E que rompe barreiras em termos de linguagem tanto verbal quanto visual. Aqui temos um formato diferente e o material a mostra por exemplo (o cartão), sem laminações e acabamentos brilhantes como o habitual. E tens um objeto que a partida é desconcertante.

Nosso segundo livro é o “Incrível rapaz que comia livros” (Oliver Jeffers) que traz um texto incrível que tem várias camadas. Há coisas aqui que só um adulto é que entende, há referências que só um adulto é que entende e há outras coisas que são especificamente para as crianças. É um livro que incentiva a leitura por um lado mas também trás muito humor.

Sobre o livro “Animalário Universal do Professor Revillod – Fabuloso Almanaque da Fauna Mundial “ (Miguel Mugugarren e Javier Saez Castan) mais uma vez é um livro que funciona por camadas. Começas por brincar com ele como um livro-jogo, depois quando tens 5 – 6 anos que já sabe ler consegue formar essas palavras para os novos animais e só um pouco mais tarde é que consegue perceber a ironia que ele apresenta.

Portanto para mim os livros devem ter, por vezes, essas diversas camadas para suscitar outras leituras e podermos ler e reler e encontrar novas coisas.

O livro “O pequeno inventor” (Hyun Duk e Cho Mi-Ae) também tem um propósito diferente. A personagem principal é coreana e o texto é originário dos anos 30. Mas foi ilustrado por uma ilustradora contemporânea. E ela na realidade reproduz o visual tradicional com as roupas tradicionais e cortes tradicionais.

E esse é um livro que em Portugal, até certa altura, não

singrou. E eu acho que isso tem a ver com o fato de que, aqui em Portugal, as pessoas não procurarem, as vezes, modelos diferentes dos deles. Representações e realidades diferentes.

Aqui, há um pequeno grupo de gosta de conhecer novas culturas, que viaja mais...até por sermos um país mais pobre e por aí a fora...começamos todos mais tarde a poder viajar. E se calhar, em boa parte do país a realidade das pessoas é muito mais confinada.

Mas é um livro muito interessante que, mostra um miúdo a tentar fazer seu próprio comboio de cartão e por conta da sua temática, incentivou muitos workshops nas escolas de trabalho com materiais reciclados e com essa ideia dos miúdos fazerem seus próprios brinquedos ao invés de irem lá comprar. E a ideia desse livro era essa, por isso acaba por entrar em uma temática política. Por que a partir do momento em que está a reciclar e a incentivar a criança a fazer seu próprio brinquedo, tudo isso são formas de remar contra a corrente

E de uma maneira geral, eu não quero livros que sejam representações literais da nossa sociedade. Isso porque eu não acredito que devemos perpetuar alguns tipos de pensar moralistas sobre a forma com que devemos agir.

Isso porque nós somos oprimidos desde cedo, desde a maneira como devemos nos portar em público até mesmo exemplos banais, como por exemplo, as cores de queremos usar para colorir um desenho quando criança.

São sempre criadas barreiras e fronteiras a todo tempo que não ajudam a incentivar a criatividade, então os livros muitas vezes têm esse papel. E o que eu tento com os livros e dizer “não há barreiras, vamos pensar um pouco de outra maneira”.

É importante deixar claro para as crianças a ideia que elas são responsáveis por suas escolhas. “Mais liberdade mais responsabilidade”. Entretanto, elas são livres para tomar suas decisões e aprender a lidar com as consequências. Assim, os livros podem ter esse papel social.

Da mesma maneira, não devemos impor nada as pessoas. Não é nosso papel passar um posicionamento de imposição militante. Ainda que busquemos romper com o pensamento tradicional, as representações devem ocorrer de uma maneira mais orgânica. Não é preciso ficar a todo tempo marcando um posicionamento. As coisas devem ocorrer de forma mais natural.

3. Você acredita que exista alguma tendência por parte das editoras tradicionais em evitar alguns assuntos mais polêmicos?

Em nível geral, por exemplo, e desde o início a Orfeu Mini está muito pensada precisamente para colocar as pessoas a pensarem também de uma forma mais crítica e pensar as diferenças. Ou seja, ter uma abordagem até do próprio objeto livro eu tenho uma abordagem que não é convencional pois há valores que são essenciais e há valores que são veiculados nos livros em geral.

A maior parte dos livros mais comerciais não tem editores por trás. Tem pessoas que pensam em termos de fazer livros para as massas e livros que tenham dinheiro. Gente que pensa fora da caixa – não são muitos.

Aqui está fora de questão fazer livros rosa para as meninas e azuis para os meninos, porque não faz sentido. E por isso que eu também não quero ter livros de princesas

(não ser que subverta a ideia do que é ser princesa).

O que acontece muitas vezes com os textos que recebemos é isso também – não há surpresa – os livros servem para vermos as coisas por outras perspectivas e não devem ser literais.

4. Eu estive a pouco em uma grande loja de livros, e pude observar que a maioria dos livros que estão lá seguem aquele modelo tradicional de livros (contos de fadas, rosa/azul)? Porque você acredita que é esse o tipo de livro que mais existe disponível?

A maior parte dos livros mais comerciais as vezes não tem editores por trás. Tem pessoas que querem fazer livros para as massas e pensam apenas no dinheiro.

Agora, aqui na Orfeu Mini, está fora de questão essa história de fazer livros rosas para as meninas e azuis para os meninos. Isso não faz sentido e por isso é que também não quero ter livros de princesas tradicionais.

Nós queremos textos que tragam surpresa. Não queremos espelhos da sociedade. Eu entendo que os livros devem trazer outra perspectiva das coisas. Para podermos, eventualmente, tentar construir relações e comunidades que funcionem de outra forma.

Acredito também que as pessoas estão formatadas e muitas vezes não se questionam. Apenas aceitam a realidade que lhes apresentam como a “correta”.

E se o mercado continua inundado por esse tipo de livros é porque provavelmente continua a vender. Há uma massa que continua a creer em um certo tipo de livro, conteúdo, televisão, etc.

Ainda sim, eu acho que o mercado mudou muito aqui em Portugal nos últimos 10 anos. Atualmente existem algumas boas editoras portuguesas que fazem um trabalho sério de desenvolvimento de livros ilustrados que fogem ao padrão.

5. Tem alguns anos que nós ouvimos dizer que os livros impressos irão acabar. Como você avalia o mercado de livros infantis atual? Está crescendo, estável, reduzindo?

O mercado de livros infantis começou a desenvolver-se aqui em Portugal e então tivemos a grande crise em 2008. Mesmo durante a crise os livros infantis vendiam bem..

E ainda sim, existem inúmeros casos de livros que reeditamos algumas vezes, porque sempre esgotam.

## Catarina Sobral

1. Qual a inspiração para a temática do livro “Greve”?

A temática surgiu de uma maneira casual. Na verdade, a história foi criada em cima da ideia do desaparecimento dos “pontos”. Apenas após a criação do livro é que surgiu a ideia de ser uma greve.

2. O que surge primeiro? A Narrativa ou a Ilustração?

Normalmente a narrativa. No meu caso, o texto tem aparecido sempre antes das ilustrações. Entretanto, a ordem das páginas ou as imagens que a história me sugere, por vezes, ajudam a lapidar melhor o texto.

Mas acredito que isso depende em relação a cada autor...

3. Você acredita que as crianças têm compreensão total pelo o que é dito?

Muitas vezes as crianças veem a parte lúdica por trás da história. Entretanto, apenas o fato de introduzir uma nova palavra ou novo conceito já é importante. Seria como plantar uma semente que com o tempo vai florescer. Apenas ao suscitar a curiosidade do leitor, acredito que o livro já tenha cumprido seu papel.

De toda forma, eu busco sempre criar livros que deem maior liberdade de interpretação, que possam trazer contribuições do leitor para a narrativa.

No caso do livro “Greve” algo de interessante que ocorre é que ele já foi usado em contexto escolar para explicar as crianças algo que está acontecendo na própria sociedade. São feitos exercícios nos quais a criança deve imaginar a “Greve” de um objeto seu. E assim, ainda que ela não compreenda em sua totalidade, ela começa a enxergar esse novo conceito dentro do seu próprio contexto.

4. Na sua opinião, qual a importância de abordar temas mais “sérios” para as crianças?

Tenho interesse em abordar temáticas mais relevantes por entender a importância das histórias para o desenvolvimento do público.

Além disso, os temas muito “banais” não costumam acrescentar muito na vida das crianças e são facilmente esquecidos.

6. Qual a importância dada ao público final no momento do desenvolvimento de um livro? Ele interfere em suas escolhas gráficas?

A ideia principal é que os livros tenham características de acordo com o tema tratado. Entretanto, é importante que ainda sim tenha a “minha cara”.

As ilustrações normalmente são sempre bidimensionais, os contornos e os traços tem sempre algo que remete ao meu traço. Tudo isso, independente da técnica escolhida para o desenvolvimento do livro.

No caso específico de “Greve” a ideia era que

ele trouxesse um visual operário, com referências construtivistas que remetesse visualmente ao tema.

Assim, além de aprender sobre a questão da temática em si por meio do texto, o público pode aprender também sobre o tema de uma forma visual.

